

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director Int.^o — T. A. ARARIPE

Secretario Int.^o — A. SEVILHA

Gerente: A. J. BELLAGAMB

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

Brasil — Rio de Janeiro, Abril de 1930

N. 196

Edição de 60 páginas

SUMMARIO

EDITORIAL

A DEFESA NACIONAL — O ESTADO MAIOR — SUA EFICIENCIA 417

COLLABORAÇÃO

Recordações do Marechal Pétain sobre a batalha do Verdun (trad.) — 1. ^o Ten. Segadas Viana.....	419
A Prata de Casa — Cap. Paulo Cidade	425
O R. I. S. G. 1930 — Col. Bertholdo Klinger.....	426
Questões de exame de admissão à E. E. M. em 1930	430
A Defensiva — Ten. Cel. H. Panchaud.....	431
A situação militar do Brasil ao iniciar-se a guerra do Paraguai (tradução) — Joaquim Nabuco.....	447
A Nacionalização da indústria militar — Cap. Silva Barros.....	449
Sorteio Militar — Ten. Oréas Guerra	450
O Tiro da Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	452
Conferências sobre a instrução da Infantaria (tradução e adaptação) — Cap. Everaldino da Fonseca	455
Tiro de Pistola — Cap. Sucupira	460
Radiotelegraphia — Ten. Lima Figueiredo	460
Programma de concurso de admissão à matrícula na E. E. M. (tradução)	473

DA PROVÍNCIA

Inspeção do Chefe do R. M. da 6.^a R. M. do 19.^o B. C. — Cel. Suetônio Camucé..... 461

SUBSIDIOS PARA A RESERVA

Cavalaria..... 473

DA REDACÇÃO

Mal a Combater	433
Instructores de equitação	459
A reabertura dos cursos militares	465
Bibliographia	470

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

T. A. Araripe, Humberto Castello Branco, A. J. Bellagumba (Directores) — Muniz Barreto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) — Mário Travassos, Bina Machado, Lage Suyão, A. Sevilha, Baptista Gonçalves, Arruda (da Redação) — A. Chaves, Toscano, Lamartine, A. Ancora, Rhodes de Almeida (da Gerência).

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

M. G. — 1º Ten. Jair,
E. M. E. — Cap. Pery Bevílaqua.
2º Grupo Regiões — Cap. Aché.
Q. G. 1º R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. G. — 1º Ten. Nilo Chaves.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. I. G. — Cap. Silva Barros.
Dir. Av. — Cap. Aguinaldo Caiado de Castro.
Dir. de Remonta — Cap. Gaudie Ley.
Ars. Guerra — Cap. Guaracy Salgado Freire.
Fabr. Cortuc. — 1º Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — 1º Ten. Sarmento.
S. G. M. — Cap. Heraldo.
S. Radio do R. — Cap. Silva Lima.
E. E. M. — 1º Ten. Castello Branco.
Ser: Basílio da Silva.
E. A. O. — 1º Ten. Pinheiro.
E. C. — 2º Ten. Meléus.
E. Av. M. — Cap. Bellagumba — Ten. Quintella.
E. M. — Cap. Cyro de Rezende.
2º Bda. I. — Cap. Paranhos.
E. Int. —
C. M. — 1º Ten. Milton Souza.
E. S. I. — 1º Ten. Ignacio Rolin.
Centro M. Ed. Phy. — Ten. Rolin.
1º R. I. — 1º Ten. Baptista Gonçalves.
2º R. I. — 2º Ten. Fabio de Castro.
3º R. I. — 1º Ten. Trajano Monteiro.

1º R. C. D. — 1º Ten. F. A. Rosas.
15º R. C. I. — Asp. Moreira.
1º Dist. A. C. — Cap. François.
1º G. A. Mth. — 1º Ten. Virgilio de Carvalho.
1º R. A. M. — 2º Ten. Antônio H. A. Moraes.
2º R. A. M. — 2º Ten. Abílio L. Mendes.
1º G. I. A. P. — 1º Ten. Hugo Alvim.
Fortaleza de São João — Cap. H. Portocarrero.
Fortaleza Santa Cruz — 1º Ten. Faustino.
Forte Vigia — 2º Ten. Moyses.
Fortaleza da Lage — 1º Ten. Frota.
Borte de Copacabana — Ten. Faria Albuquerque.
1º B. E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1º Cia. P. Viaria — 1º Ten. Nyson.
C. C. C. —
1º Cia. E. — 1º Ten. Carneiro da Cunha.
F. S. D. — 2º Ten. Waldemar Fretz.
1º Cia. Adms. — 2º Ten. Othon Barbosa.
Inspecção de Fronteiras — Cap. Lima Figueiredo.
1º C. R. M. — 1º Ten. Costa e Silva.
Regimento Naval — Cmt. Santa Cruz.
Av. Naval — Cmt. Appel Netto.
Flot. Sx. — Cmt. Christianiano de Figueiredo.
P. M. D. F. — 1º Ten. Joaquim M. Amorim.
Corpo Bomb. C. P. — 1º Ten. G. Amado.
Club Off. Res. — Cap. Valença.
C. P. O. R. — 1º R. M. — 1º Ten. Sevilha.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2º D. I. — S. Paulo — Cap. Aurelio.
Q. G. 3º D. I. — Porto Alegre — Cap. Teixeira Braga.
Q. G. 4º D. I. — Juiz de Fóra — Cap. Pinto Paccá.
Q. G. 5º R. M. — Curitiba — 2º Ten. Bumete.
Q. G. 6º R. M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.
Q. G. 7º R. M. — Maj. João Facó.
Q. G. 8º R. M. — Cap. Veríssimo.
Q. G. Circuns. — M. Grosso — Campo Grande — Cap. Jandyr.
Fab. de Polvora — Estrela —
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C. C. na Europa — Paris. — Cap. J. B. Magalhães.
C. M. — Ceará — 1º Ten. Túlio Bellera.

C. M. — Porto Alegre — 1º Ten. Marques Santiago.
4º R. I. — Quitaúna — 1º Ten. Genaro Bonitempo.
5º R. I. — (sede) Lorena — Cap. Eloy.
5º R. I. — II Btl. — Pinda — Ten. Bayard.
6º R. I. — Caçapava — 1º Ten. Atílio Nunes.
7º R. I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.
8º R. I. — Cruz Alta — Cap. Juvenal Antunes.
9º R. I. — Rio Grande — Ten. Octacílio Silva.
10º R. I. — Juiz de Fóra — 1º Ten. Torres Bandeira.
11º R. I. — S. João d'El-Rey — 2º Ten. Hugo Farja.
15º R. I. — Ponta Grossa — 1º Ten. Leonardo de Campos.
1º B. C. — Petrópolis — 2º Ten. Amílcar Dutra.
2º B. C. — S. Gonçalo — 2º Ten. Francisco P. Guedes.

(Continua)

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — T. A. Araripe

Secretario — H. Castello Branco

Gerente — A. J. Bellagamba

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

BRASIL — RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1930

N. 196

EDITORIAL

A Defesa Nacional

O Estado Maior -- Sua Efficiencia

Obedientes ás normas que a nós mesmos nos havemos traçado, procuramos pôr em luz, de modo tão completo quanto possível, os elementos fundamentaes do problema da defesa nacional. De regra, aqui se estampam, ao sabor dos factos e das necessidades, idéas que condizem á notoria oportunidade. E como tudo, factos e precisões repetem-se com frequencia e sem dar treguas, toca-nos aos hombros a tarefa malvista de repicar, dia a dia, sinos por demais dobrados e aturados.

Valha-nos, ao menos, a justa intenção de atrair á py.a sempre accessa os espíritos de todos os comparticipes na grande obra por que batalhamos aqui.

* * *

Na apreciação das características essenciais do Commando Supremo com que temos ocupado os estudos anteriores, há lugar de monta para o estudo do papel e valor do Estado Maior — efectivamente o orgão do apparelhamento militar mais directamente interessado na concepção e preparação da guerra. Por isso, depois de havermos apresentado o nos o entendimento da função, das atribuições e das prerrogativas deste orgão e de bem accentuar a sua dependencia ao Commando Supremo, a sua coparticipação nas decisões e providencias attinentes á preparação para a guerra, bem como as suas responsabilidades, mais de facto do que legaes, julgamos por bem delinejar algumas idéas sobre a consecução de sua efficiencia.

Os factos que encorrem para esta efficiencia emanam de tres fontes:

- os que resultam das relações entre este orgão e o Commando Supremo;
- os que provêm do proprio seio do orgão;
- e os que remontam das reacções que a sua actividade produz sobre o conjunto do organismo militar e particularmente sobre os órgãos de execução, propriamente ditos.

* * *

Manifesto é que a capacidade de produção do Estado Maior bem como a sua autoridade na elaboração e no determinar as providencias de preparação da guerra têm a sua esfluencia, antes de tudo, da directriz que o Commando Supremo imprime á solução do problema, directriz que deve bem delinejar as rotas segundo as quais o Estado Maior terá de empenhar a totalidade de seus esforços. Além disso, elas emanam também da confiança reciproca entre o orgão director e o auxiliar e de bem compreendido espirito de collaboração por parte de ambos.

Observados estes requisitos nas relações entre o Estado Maior e o Commando Supremo, gosa-se o beneficio de ter-se o primeiro em perfeita affinidade com o segundo, de que lhe deve advir a grande dose de autoridade e de prestigio indispensaveis ao bom termo de sua tarefa.

* * *

Os factores do segundo grupo são os que hoje mais nos interessam. De facto, é de seu valor intrínseco que advém a maior efficiencia do Estado Maior; nelle se fundam a confiança e o prestigio necessarios nas relações com o Commando Supremo e a autoridade sobre os órgãos de execução.

E quem diz valor intrínseco do Estado Maior diz capacidade de seus membros para o exercicio das funcções englobadas por este orgão. E, portanto, questão de adestramento e de aptidões especiaes para os misteres correspondentes, ou em outras palavras, de recrutamento e de instrucção dos officiaes de Estado Maior.

O recrutamento dos officiaes de Estado Maior constitue nos principaes exercitos uma das mais serias preocupações. Ali, a selecção tanto no ponto de vista profissional, como no da vida privada, no intellectual como no moral, se faz de modo rigoroso e segundo processos que têm merecido a sancção comprovada na experienzia da paz e da guerra. Ela é feita por intermedio de escolas (Academia de Guerra, Escola Superior de

Guerra, etc.) que correspondem á nossa Escola de Estado Maior e onde ha uma serie bem grande de provas e exigencias, desde as de admissão até as de conclusão de curso, destinadas principalmente a depurar os que não possuem recursos e aptidões para as arduas incumbencias que caberão ao verdadeiro oficial de Estado Maior.

Semelhantes recrutamento e selecção devem ser olhados por todo o Exercito e principalmente pelos grandes responsaveis por sua efficiencia, como uma questão vital. Não bastará termos leis e regulamentos estabelecendo as condições de ingresso; a par destes deve haver estímulo, incentivo e auxilio no prepraro dos candidatos, de um lado, e a firme vontade de realizar real selecção do outro lado, nas provas, tanto pré-escola como durante o curso. Faz-se mister então uma acurada observação das qualidades moraes e intellectuaes dos aspirantes ao quadro, por parte das autoridades qualificadas.

Não deve mesmo ser desprezado o alvitre da comissão de sindicancia para apurar até o procedimento privado do candidato, sindicancia que convém ser mantida mesmo durante o exercicio ulterior das funções. Neste particular, não nos devemos contentar com o juizo simples dos professores franceses sobre as aptidões intellectuaes dos diplomados pela Escola. Somos os mais autorizados e os mais interessados nessa apreciação dos diplomados.

Mesmo o exame de admissão á Escola de Estado Maior deve ter cunho que lhe atenuem as inevitáveis causas de falibilidade de que é passível. Ora, actualmente se observa que para a admissão de sargentos ás Escolas de Intendencia e Aviação se exigem duas provas: a primeira, de selecção, realizada nas sédes das regiões; os aprovados nesta são reunidos na Capital e submetidos á verdadeira prova de sufficiencia e de classificação. Só assim poderá haver igualdade de situação para todos os candidatos. E' este aliás, o processo usado para a admissão na Escola Superior de Guerra da França.

O nosso sistema de uma unica prova, realizada em logares e em ambientes diversos, parece-nos deficiente e defeituoso e felizmente foi abolido pelo novo Regulamento do E. E. M.

Uma vez diplomado pela Escola é que, na verdade, começa o prepraro do official de Estado Maior. Ha nesse assumpto seria correccão a fazer-se. E' commun, entre nós, considerar-se a Escola como o terminus da aprendizagem profissional e como a fonte da agua que realiza o milagre da omnisciencia. Este grande erro tem de ser combatido, principalmente no tocante aos officiaes de Estado Maior. Mais do que nunca será preciso um esforço pessoal continuado, verdadeira gymnastica intellectual de investigações pessoaes na busca de soluções mais convenientes e oportunas para os problemas que lhes serão propostos na paz e na guerra.

Os chefes tomam a peito esse adestramento, procurando orientar com seus conselhos e o seu exemplo a tarefa dos subordinados, incentivando-lhes o gosto pelos estudos e organizando cursos de aperfeiçoamento adequados. Ali se impõe a vantagem de intensificar a prática do jogo da

guerra para officiaes de Estado Maior, reconhecidamente o melhor processo de ensino e de treinamento na solução dos problemas que terão de enfrentar.

Mas quem diz instrucção e treinamento, pensa logo na continuidade. Ora, ha ahi dois grandes impecilhos a esse desideratum — a burocracia e o afastamento dos officiaes de Estado Maior de suas tarefas normaes.

A burocracia, a papelada, constitue entre nós o maior inimigo da instrucção do official de Estado Maior. A grata contra esse mal é remota e ensurdecadora. O simples encaminhamento de requerimento consome todo o tempo desse oficial. Na Alemanha de antes da guerra 1914-1918 esse inconveniente era resolvido pela existencia de um quadro de Estado Maior propriamente dito, encarregado dos assumptos attinentes á preparação para a guerra e um quadro annexo, destinado aos trabalhos de secretaria e do desembarço da papelada.

Na França nunca houve esta divisão, mas os methodos de trabalho, como assignala o General Bonnal, consideraram em primeiro pleno a instrucção para a guerra dos officiaes de Estado Maior e relegaram para o segundo a burocracia.

O segundo impecilho apontado exige para ser desviado que haja constituído permanentemente um quadro de officiaes de Estado Maior pois que, até agora, temos officiaes com o curso de Estado Maior e que incidentemente desempenham funções de Estado Maior. Já temos em varias ocasiões esclarecido o nosso pensamento a respeito: o official de Estado Maior deve pertencer organicamente a um dos Estados Maiores do Exercito, das Inspectorias ou das Regiões Militares, assim como os officiaes de tropa têm o seu corpo. Desse logar será ainstado por um tempo minimo e limitado, para efecto de estagio na tropa. Como, por exemplo, se poderá fazer a instrucção de um official de Estado Maior que ha mais de 7 annos não entra em um Estado Maior?

Não queremos um Estado Maior fechado mas um quadro de Estado Maior constantemente organizado, para efecto de instrucção.

* * *

Chegamos finalmente aos factores do terceiro grau, isto é, os que remontam das reacções que a actividade do Estado Maior produz sobre os orgãos de execução propriamente ditos. Aqui tudo se enfeixa na autoridade de que se reveste o Estado Maior para efecto de determinação das medidas attinentes á preparação para a guerra e á instrucção profissional do Exercito.

Parece-nos que, na pratica, não tem ficado bem accentuado essa autoridade do Estado Maior. Diz-se que os Grandes Commandos se acham directamente subordinados em tempo de paz e de guerra ao Chefe do Estado Maior do Exercito, em tudo que se relacione ao duplo objectivo do mesmo Estado Maior, mas tal subordinação tem cunho mais theorico do que pratico. Na realidade, o que depende propriamente do Chefe é o Ser-

Recordações do Marechal Pétain sobre a batalha de Verdun

TRAD. DA "ILLUSTRATION" PELO TEN. SEGADAS VIANNA

O engajamento da batalha do Somme e a libertação de Verdun

(Cont. do n. 194)

Quanto ao ataque inglez, não tardei a ser finalmente attendido. Telephonaram-me no dia 25, do Grande Quartel General, comunicando-me que o bombardeio geral sobre o Somme começa ria a 26 e que as divisões assaltantes desembocariam para o ataque no dia 29.

Eis aqui em que termos o general Joffre, em 26 de Junho, fazia conhecer ao governo as grandes linhas das acções previstas:

"No dia 29 de junho os exercitos britanicos atacarão sobre a frente norte do Somme. Sua ofensiva que deve comportar a entrada em acção de cerca da metade das grandes unidades que estão actualmente em França (isto é 26 divisões) será desencadeada sobre uma frente approximada de 25 kilometros, entre Gommécourt e Maricourt.

"Afin de cooperar o mais possivel na acção das forças inglesas e de ficar em condições de explorar com elles um grande sucesso grupci sob as ordens do general Foch todas as disponibilidades em grandes unidades e em artilharia cujo emprego sobre o Mosa não foi exigido por nossa situação em Verdun. Apezar de que, desde o inicio desta batalha (Verdun) eu tenha sido obrigado a dar ao general Pétain um total de 65 divisões, a contribuição das forças francesas na offensiva do Somme será importante.

O ataque do general Foch estender-se-á com efecto de Maricourt a Foucaucourt, sobre uma frente de 12 kilometros mais ou menos. Elle comportará a entrada em linha inicialmente de 14 divisões; será emprehendido na mesma data que o dos exercitos britanicos e em ligação estreita com elles.

"A offensiva dos exercitos franco-inglezes desencadear-se-á pois sobre uma frente de 37 kilometros com um total de 40 divisões. Este ultimo numero é no entanto susceptivel de um notavel augmento, se, como tenho esperança, os resultados dos primeiros ataques permittirem contar com importantes successos".

Assim finalisava, em condições vantajosas para nós, a crise da preparação das acções conjuntas dos Aliados.

viço de Estado Maior desses Grandes Commandos. As necessidades e a divisão do trabalho tem dem para tornar mais prática essa interferência do Estado Maior, como delegado do Comando Supremo na orientação e fiscalização de todas as medidas que dizem respeito á preparação para a guerra. Essas tendencias proporcionarão ao

A partida havia sido renhida, mas conseguimos atingir o objectivo. Os Ingleses e Franceses partiram para frente a 1º de Julho, às 7 hs. 30', dois dias mais tarde que a data inicialmente fixada, por motivo das circunstancias atmosphericas desfavoraveis que haviam atrapalhado, durante quarenta e oito horas, a preparação aos Aliados. O IV exercito britanico do General Rawlinson progrediu sensivelmente até as alturas de Montaubau, Mannetz e Boisselle, isto é, um pouco menos profundamente do que se esperava. O VI exercito francez do general Fayolle, ao contrario, ultrapassou largamente seus objectivos conquistando de um só impeto toda a primeira posição Hardecourt, Hierbécourt, Asservillers. Durante os dias seguintes o exercito Rawlinson começou a alargar suas conquistas e o exercito Fayolle, deante de um inimigo desconcertado pela potencia inesperada de sua irrupção, ocupou a totalidade do planalto de Flaucourt, levando suas linhas de Maisonneuve e proximidades de Barleux. O II exercito alemão do general Below havia per esse motivo recuado profundamente e sua sorte tornava-se perigosa.

O chefe do estado maior imperial, para restabelecer a situação, tomou imediatamente a resolução de reorganizar e reforçar o commando sobre o Somme, o que lhe implicava a obrigação de desembaraçar Verdun. Lá, entretanto, procedia-se no dia 11 de Julho a uma ultima tentativa: o X corpo de reserva, dispondo do corpo alpino e de tres divisões, precipitava-se contra nossas posições de Souville, apossava-se de Fleury, tornava pé por um instante sobre o forte, mas era imediatamente repelido pelos contra ataques franceses dos generaes Mangin e Paulinier. Um grande esforço para nós, porém felizmente o ultimo! Porque o kromprinz recebia ordem desde a tarde de 11 — "pois que os objectivos fixados não puderam ser conquistados" — de se manter doravante em uma "estricta defensiva". O general von Gallwitz cedia ao general von François o commando da margem esquerda do Mosa, para ir commandar o I exercito alemão em or-

mais importante orgão do apparelhamento militar os meios de se aperfeiçoar e de se elevar á altura de suas ardias e grandiosas missões.

Tal é o desejo de todos nós. Tal é a nossa confiança em um Estado Maior que se esforça por melhorar e que crê nas boas intenções dos responsaveis pela governança publica.

ganização ao sul do Somme e, ao mesmo tempo, o agrupamento dos I e II exercitos alemães encarregados de deter os franceses-britânicos. Duas a três divisões e numerosas baterias de artilharia tomavam a mesma direcção. Verdun estava desembargada e salva...

Enquanto que Falkenhayn tomava essas medidas, o general Nivelle informava-me que acabava de receber um voto "de admiração, reconhecimento e respeito, da Academia Franceza, para o II Exercito. Especialmente fazia-me chegar ás mãos no dia 11 á tarde, a ordem do dia em que o notificava ás suas tropas:

"Será um dos maiores orgulhos para o exercito de Verdun ter merecido semelhante agradecimento da Alta Assembléa que incarna e immortalisa o genio da lingua e da raça franceza.

"O exercito de Verdun teve a felicidade de corresponder ao appello que o paiz lhe dirigiu. Graças á sua heroica tenacidade, a offensiva dos aliados já venceu brilhantes etapas e os Alemães não se encontram mais combatendo em Verdun!

"Perém a missão não está terminada: nenhum francez terá direito ao repouso enquanto restar um inimigo sobre o solo da França, de Alsacia e da Lorena. Para permitir á offensiva dos Aliados de se desenrolar livremente e atingir á victoria definitiva, para resistir aos assaltos de nossos implacáveis inimigos que, apesar do sacrificio de meio milhão de homens que já lhe custou Verdun, não renunciaram ás suas esperanças...

"E, não contentes de resistir, soldados do II Exercito, atacae ainda methodicamente, sem cessar, para reter deante de vós, por uma ameaça continua, o maior numero possivel de forças inimigas, até á proxima hora da offensiva geral

"O passado responde pelo futuro. Não haverá de falhar em vossa sagrada missão e adquirireis assim novos titulos ao reconhecimento do paiz e das nações aliadas".

O BALANÇO DAS FORÇAS EM 15 DE JULHO

Teriam os alemães perdido meio milhão de homens deante de Verdun como dizia o comando do II Exercito? Esta avaliação — talvez seja exagerada, porque nosso balanço em 30 de abril mostrou que, durante os dois primeiros meses, as perdas do adversario pareciam inferiores ás nossas.

O numero de nossas perdas totaes era então de 6.563 officiaes e 270.000 homens. Os Alemães deviam estar sensivelmente proximos disso, porque se tinham tido menos perdas do que nós no inicio da batalha, certamente este equilibrio se restabeleceu quando se entregaram aos loucos assaltos contra nossas posições da cota 304, de Mort-Homme, de Thiaumont, de Souville e de Vaux.

O consumo de materiaes diversos havia sido incontestavelmente maior no adversario, se julgarmos pelo das munições. O kromprinz nota que este representava uma media de 93.000 obuzes por dia, só para a margem direita. Nada exageramos se ajuntarmos dois terços desse numero

para a margem esquerda, admittindo que o consumo alemão se elevasse quotidianamente a 150.000 tiros, ou sejam 21.700.000 para os 140 dias de batalha decorridos desde 21 de fevereiro. De nosso lado o Grande Quartel General — por uma communicação que então dirigi ao general Jaurin, chefe da missão militar franceza na Russia — havia enviado para Verdun 10.300.000 tiros de 75, 1.200.000 de calibres entre 80 e 105, e 8.600.000 tiros de calibres superiores a 105, ou seja um total de 20.100.000 obuzes, entre os quais um grande numero se achava ainda em stock nos depositos da praça e dos sectores diversos.

E' bom notar que o numero dado pelo kromprinz não visa, segundo tudo faz crer, senão os projectis pesados e muito pesados, e que o dispêndio de munição do V Exercito deve ser representado por um total bem mais elevado do que o que foi acima indicado.

Havíamos, é verdade, engajado 70 divisões contra 46 divisões inimigas, mas répito que as substituições não se faziam pelo mesmo processo, e o kromprinz lembra que o melhor método por ele praticado, aliás contra sua vontade, era muito mais custoso para os Alemães.

Em 15 de Julho, o V Exercito Alemão, comprehendia cerca de 25 divisões. Mas, ainda que ele começasse a se descongestionar para alimentar sobre o Somme o grupo de exercitos von Gallwitz, nosso II Exercito permaneceu fortemente constituído como previsão das respostas que preparava, e contava ainda com 8 corpos de exercito, compostos de elementos fatigados e a reconstituir. (1)

Póde-se por isso medir o valor de nossos esforços e compreender a energia que precisou desenvolver o nosso alto commando para organizar, no grupo de exercitos do norte, um importante grupamento offensivo, ao mesmo tempo que o II Exercito absorvia tão grandes recursos.

Entre estes, a aviação principalmente havia se desenvolvido até adquirir a superioridade absoluta no campo de batalha, apesar de estar no inicio em flagrante inferioridade. Sob a direcção do coronel Barès, ella havia sido completamente reorganizada, tanto no escalão corpo de exercito como no de Exercito. Os apparelhos de observação Farman e Caudron asseguravam actualmente com a maior precisão a ligação com a infantaria, as missões photographicas, as regulações de artilharia em luta constante com a aviação de caça adversa, muitas vezes atrapalhados pelas condições atmosphericas desfavoraveis sob o tragicó céo de Verdun, roçando as vistas cheias de sangue e completamente revolvidas, soffrendo pesadas perdas, sem jamais faltar ao cumprimento de suas missões. Os Nieuport de caça illustravam-se por sua audacia e sua actividade, atacando sem cessar os aviões e os "drachen" inimigos.

(1) — Seja, ao todo, 29 divisões; 98 batalhões territoriales, 1.106 canhões de campanha, 941 canhões pesados, 217 aviões, 18 balões, 7 secções e 20 postos de defesa contra aviões — representando: 16.450 officiaes, 627.000 homens, 218.000 cavalos e bovinos.

percorrendo a frente sem descanso, seja sahindo em possantes patrulhas, seja manifestando-se por pequenos grupos, sempre em horas diferentes.

Que phalange de pilotos! Na bravura legendaria, já havia surgido a gloria de Guynemer: "Parece esquisito, esclamava elle deante de seus camaradas consternados ao vel-o descer, ensanguentado, de seu avião, fui eu que recebi a bala e no entanto parece que foram vocês os feridos..." Nungesser reincorporara-se á sua esquadilha em Verdun, apenas melhor de seus varios ferimentos, com um queixo artificial e não podendo se servir sinão de uma unica perna; precisava-se de varias pessoas para installal-o em seu apparelho e fazel-o sahir, o que não o impedia de atacar todos os adversarios que percebia. Navarre era, nesta occasião, o que mais brilhava: seu avião vermelho era visto em toda parte, nunca em repouso... Um dia, em Lemme, apresentou-se ao coronel Barès e lhe comunicou que acabava de abater um avião inimigo:

"O que me dizeis é muito bom objectou o coronel, mas vêde esses apparelhos que neste momento voam sobre nós".

Navarre tornou a accionar seu motor, tonou altura, jogou-se sobre a patrulha allemã e abateu um dos aviões sob as vistas de seus chefes e camaradas.

Acima de todos, mantendo-os sob o imperio de seus irreprehensíveis exemplos, e de sua excepcional grandeza de alma, achava-se o commandante de Rose, chefe da caça, verdadeira figura de heroe celta, resplandecente em delicadeza e energia. Verdun, como mais tarde se disse, foi verdadeiramente "o cadiño de onde surgiu a aviação francesa".

AS RESPOSTAS FRANCEZAS

Desde 15 de Julho, passamos á offensiva sobre a margem direita do Mosa e o general Mangin fez executar pela 37^a divisão — posta para esse fim á sua disposição — uma operação visando a retomada das posições de Fleury, com o apoio de 400 peças de artilharia. Mas, o comandante local precipitou de muito o engajamento dessa operação que não produziu resultado e que deveria ter sido preparada com mais cuidado por causa do transtorno produzido em Souville pelo ultimo ataque allemão do dia 11.

Por meio de uma nota datada de 18, dei a conhecer minhas observações fazendo a critica a esse respeito: nossos ataques deverão ser, para o futuro, organizados pelos proprios commandantes de agrupamentos, que, graças ao conhecimento do terreno e á importancia dos meios de que dispõem em permanencia, estão em melhores condições para orientar a infantaria e lhe dar os apoios necessarios; tomarão cuidado em particular para que seja feita uma melhor utilização da artilharia, na designação dos objectivos, no "controle" dos tiros e na ligação com as tropas assaltantes. Voltei a falar assim sobre a questão capital da superioridade a ser obtida por nossa artilharia: graças á firme vontade disso conseguir; era esta minha preocupação dominante desde o começo da batalha, e o proce-

so final não poderia ser obtido sem que essa condição fosse preenchida. Por outro lado pedi ao Grande Quartel General para fornecer ao II exercito dois morteiros de 400, que julguei indispensaveis para as acções de esmagamento a serem exercidas sobre os fortes de Vaux e Douaumont antes de pensar em retomar essas fortificações. Prometeu-se-me satisfazer esse pedido no inicio do outono e decidi esperar esse momento para iniciar as nossas grandes respostas.

Assim, os meses de Agosto e Setembro se escoaram na região de Verdun sem que houvesse acontecimentos importantes. Entretanto, os combates permaneciam muito vivos sobre a cota Froideterre em volta do forte de Thiaumont e em Fleury, que no dia 18 de Agosto foi conquistado pelo regimento de infantaria colonial de Marrocos em uma brillante acção, conduzida com presteza.

Esta combatividade, era por nós entretida com o designio de contemporizar até a realização de operações mais importantes, impedindo o adversario de fazer mais facilmente o jogo de suas reservas entre Verdun e Somme, bem como entre as frentes de Oeste e as do Oriente. Dali resultou, no inimigo, que seu estado de crise se aggravou singularmente, o mesmo acontecendo na opinião publica, que penosamente se resignava a vêr a Alemanha detida em todos os seus emprehendimentos, e no alto commando, em cujo seio o descontentamento e o desentendimento eram flagrantes. O kromprinz separou-se no dia 21 de Agosto de seu chefe de estado maior, o general Knobelsdorf, de quem elle sempre havia suspeitado de secundar, passando por cima de seu chefe, o ponto de vista obstinado do general Falkenhayn. Este, por outro lado, atingia ao declínio, com muitas responsabilidades graves em seu passivo; o desastre de Verdun, a infeliz aventura austriaca contra a frente italiana, o funesto despertar da actividade russa, a entrada em linha dos Britânicos ao lado dos Francezes sobre o Somme, o gasto demasia-do dos efectivos Allemães, a consequente depressão moral nos Imperios Centraes; e por cumulo, nos ultimos dias de Agosto, a declaração de guerra da Italia á Alemanha, e em seguida a da Rumania á Austria-Hungria! O marechal Hindemburgo foi nomeado no dia 28 de Agosto chefe do Estado-Maior-geral, tendo o general Ludendorf como primeiro quartel-mestre geral. Os dois novos chefes queriam centralizar em suas mãos a direcção unica de guerra para toda a quadrupla alliança, mas não obtiveram isso, sinão progressivamente, e ao preço de inumeros atritos com o gabinete militar do Imperador, com o chanceller, com os ministros da Guerra dos diversos Estados allemaes, com o alto comando austro-hungaro...

No decorrer da primeira viagem sobre a frente occidental, no inicio do mez de Setembro, Hindemburgo e Ludendorf ficaram admirados e verdadeiramente consternados, de encontrar em todos os escalões uma mentalidade tão diferente da existente na frente oriental. A Leste, apesar da provação momentânea motivada pelo recuo dos Austriacos na Galicia, vivia-se em uma

atmosfera de victoria, de movimento e ninguem deixava de pensar nos immensos resultados obtidos ou esperados. A Oeste, ao contrario, os chefeis pareciam tristes, deprimidos, sua confiança escrevia-se no desencorajamento, falavam já de um fim da guerra sem beneficios para a Alemanha; as tropas mostravam-se cruelmente fatigadas e utilizadas. "Verdun", escreveu Ludendorf logo apôs, parecia uma chaga aberta que corroia nossas forças, e era racional retirar nossas posições para aquem da zona dos reintrantes.

Quanto ao Somme, estavam em grande inferioridade sob todos os pontos de vista em face dos Inglezes e dos Franceez...

Os chefes supremos esforçavam-se por elevar o moral de todos. Reorganisavam o commando de maneira a reagrupar logicamente os exercitos de acordo com as operações em curso e se esforçavam, nesta occasião, em reforçar o prestigio dos principes de sangue para testemunhar sua dedicação aos interesses dynasticos. Assim, o kromprinz imperial tomava ao sul a cheia do grupo de exercito mais interessado na batalha de Verdun; a oeste, o kromprinz de Baviera comandaria o grupo de exercitos empenhados ou podendo vir a serem empenhados na batalha do Somme; o duque de Wurtemberg, no norte permanecia à frente do IV exercito e dependia da Direcção da Guerra.

Entretanto, a energica acção dos novos chefes não podia produzir uma rapida reviravolta na situação, e esta permanecia cada vez mais difícil para os Imperios Centraes, que se achavam literalmente, conforme a expressão de Ludendorf "sob o fio de um cutelo"; os Italianos atacavam vigorosamente sobre o Isonzo; os Russos-Rumanicos haviam transposto as fronteiras da Moldavia e da Salachia e ameaçavam a Hungria; na Macedonia, o general Sarrail impellia suas forças contra Florina e Monastir; sobre o Somme, o VI Exercito francez, do general Fayolle e o X Exercito francez que o prolongava ao Sul, desenvolvia seu successo sob as ordens do general Foch, conquistavam no fim de Setembro as terríveis posições de Combles, de Denicourt, de Vermavillers, enquanto que os Inglezes avançavam até Morval, Lesboœufs e Thieval.

Em Verdun soara nossa hora. No principio de Outubro, estabeleceremos, eu e o general Nivelle, proceder á retomada dos fortes para restabelecer a praça em sua integridade. O general Mangin, nomeado commandante dos sectores da margem direita, dirigiria a operação e, sob a impulsão de semelhante chefe, cujo vigor era quasi que proverbial no Exercito francez, contavamos com um successo completo. O Grande Quartel General tinha enviado os dois morteiros de 400 m/m pedidos, que, accrescidos ás peças de 370 m/m que já possuímos, permettiriam exercer demolição. O dispositivo de ataque comportaria sobre as fortificações uma presante acção de demolição. O dispositivo de aaque comportaria um total de 300 peças de campanha e 300 peças pesadas, minimum necessário para manter em respeito as 200 baterias (ou sejam 800 peças) assinaladas pelo II Exercito nos sectores allemães interessados na margem direita.

O assalto seria dado tendo em primeira linha 3 divisões (I), que estariam promptas a serem apoiadas por 3 divisões da segunda linha, ou seja, um numero de grandes unidades equivalentes ao que os Allemães nos poderiam oppor (II). Não tinhamos portanto a superioridade dos meios materiaes, mas, incontestavelmente, a superioridade moral bem como a da instrucção, porque os quadros e os homens estavam minuciosamente preparados para o ataque.

No decorrer das jornadas entre 20 e 23 de outubro, nossa artilharia e nossa aviação tornaram-se senhoras do campo de batalha, em presença de baterias inimigas ainda bastante numerosas, mas sem duvida condenadas a uma severa economia de munições. A publicação allemã de Werner Beumelburg, que acaba de aparecer em Oldemberg, enche-nos de admiração, sobre o que sofreram os ocupantes do forte de Douaumont. Cinco tiros de nossos morteiros de 400 na jornada de 23, occasionaram verdadeiros destroços, demolindo sucessivamente o lazareto e as quatro casamatas mais importantes do primeiro andar. Na tarde, outras explosões demoliam o posto dos pioneiros, incendiando um deposito de foguetes e de muições para metralhadoras, tornando inhabitável a maior parte dos corredores através dos quaes se espalhava uma fumaça espessa e acre. Na falta de agua, para refrescar a alma das peças jogavam sobre as mesmas garrafas de agua gazosa destinadas aos feridos, em pura perda aliás; e, no dia 24, entre 5 e 7 horas da manhã, a guarnição abandonava a praça, nella deixando apenas uma vintena de homens sob as ordens do capitão Prolilius. Isto não era, por certo, em absoluto, uma "fuga da posição" porque o commando aprovava esta manobra, e portanto, não nos sera justo ficar orgulhosos, comparando essa attitudem com a da pequena tropa do commandante Raynal, mantendo-se no forte de Vaux até o ultimo extremo, arriscando-se a uma explosão das minas que sentia estarem sendo cavadas sob seus pés?

Nossas tres divisões partiram para o ataque ás 11 hs 30, favorecidas por uma intensa neblina que dissimulava sua progressão, mas que impedia completamente a observação pela aviação e as ligações entre a infantaria e a artilharia. Esta havia felizmente regulado sua acção de maneira impeccável, suas barragens, precedendo as tropas de infantaria do ataque, desdobravam-se com uma regularidade mathematica e nossos admiráveis infantes chegaram á altura do forte de Douaumont imediatamente após á queda do ultimo grande obus. A divisão Passaga, na frente do dispositivo, estabeleceu-se fortemente sobre uma linha que ia da torre Este do forte de Douaumont até o norte da villa de Vaux. A divisão Guyot de Salins, por um instante retardada pela bruma,

(I) A 38^a (general Guyot de Salins) contra o forte de Douaumont; a 133^a (general Passaga) no intervallo entre Douaumont e Vaux; a 74^a (general Lardenelle) contra o forte de Vaux

(II) A 34^a, a 54^a, a 9^a divisão e a 33^a divisão de reserva em primeira linha; as 10^a e 5^a divisões em segunda linha.

chaos do bosque de Laillette e dos arredores da fortificação, apareceu pouco após á sua esquerda, lançou nos fossos, nos corredores e nas casamatas os batalhões Croll e Nicclai do regimento colonial de Marrocos, capturou o destacamento Prollius, e installou-se no forte reconquistado. A divisão da direita não conseguiu, neste dia, penetrar no forte de Vaux, porque sofreu pesadas perdas no decorrer de seu avanço, mas foi substituída nos dias que se seguiram por uma divisão fresca (1) que por sua vez entrou no forte, no dia 2, o qual igualmente torna evacuado pelos Alemães.

Sob o peso de golpes tão rudemente despendidos, em Verdun e sobre o Somme, a Alemanha fazia boa figura. Seus chefes — os homens de Este — decidiram manter-se na defensiva diante de nós e deixar os Austriacos resistirem aos Italianos que atacavam sobre o Isonzo; não se emocionaram em Novembro, com a perda de Monastir, sobre o "front" ao norte de Salónica; transportaram todas as suas disponibilidades contra os Russos-Rumaicos, para ajustar contas com nossos novos aliados.

Por meio de uma campanha fulminante, onde se illustraram Mackensen e Falkenhayn, os exercitos alemães transpuzeram os Carpathos e o Danubio, espalharam-se nas planícies e entraram em Bucarest em 6 de dezembro.

Deslumbrante sucesso, não se pôde negar, mas que não trocava de muito a face das cousas, como aliás disse mais tarde o quartel-mestre geral: "Batemos o exercito rumaico, mas não pudemos destruir-o... Apesar dessa victoria, permanecemos enfraquecidos sob o ponto de vista do desenrolar da guerra". Os Imperios Centraes queriam entretanto retirar desses acontecimentos um beneficio positivo, eis porque, em 12 de dezembro, contando com uma mediação do presidente Wilson, davam a conhecer sua intenção de iniciar as conversações sobre a paz.

Respondemos com a nova offensiva de 15 de dezembro diante de Verdun. Evidentemente não podíamos aceitar a idéa de tais negociações, quando a generosa e valente Rumania acabava de se sacrificar totalmente pela causa dos Aliados. O general Mangin, naquelle dia, conforme minhas instruções e as do general Nivelle, presscrevendo reconquistar as posições de cobertura da linha dos fortes, lançou ao norte de Douaumont quatro divisões (2), apoiadas por outras quatro divisões em segunda linha e por 740 canhões.

Tinhamos desta vez, a superioridade numérica diante das quatro a cinco divisões que sómente nos poderiam ser oppostas pelo V Exercito alemão no sector do ataque, e nossa artilharia mais ainda do que no dia 24 de outubro, dominou a situação. Assim, conquistamos, sem dificuldades e quasi que sem perdas, toda a zona de cobertura dos fortes desde Vacherauville até Louvemout e Bezouvaux, passando pelo bosque

(1) A 9^a divisão (general Andlauer).

(2) 126^a (general Muteau), 38^a (general Guyot de Salins), 37^a (general Duplessis) e 133^a (general Passaga).

de Cavrières. O general Mangin, felicitando suas tropas, dava-lhes a entender que por esse modo elas respondiam da melhor forma as proposições de paz da Alemanha: "... Nossos paes da Revolução recusavam tratar com o inimigo enquanto elle pisasse o solo sagrado da patria, enquanto elle não fosse repellido para além de nossas fronteiras naturaes, enquanto o triumpho do direito e da liberdade não fosse assegurado... A França respondeu pela boca de vossos canhões e pela ponta de vossas bayonetas... Foste os bons embaixadores da Republica: ella vos agradece".

Era o fim da batalha de Verdun em 1916. Ella inspirou ao kromprinz estas commoventes palavras: "Pela primeira vez, tive consciencia do que era perder uma batalha. Duvida de mim proprio, exprovações á minha pessoa, sentimentos amargos, julgamentos injustos contra o proximo, tudo isso se chocava em meu coração e pesava profundamente em meu espirito! Reconheço abertamente, foi necessário algum tempo para retomar meu sangue frio, e para reencontrar uma fé bastante solidá no futuro". E, a Lüendorf, esta constatação que surge dolorosa para elle após o embriagante sucesso da Rumania: "O golpe que nos attingiu foi particularmente cruel... Havíamos soffrido muito no decorrer deste anno. Sobre a frente Oeste estávamos completamente esgotados!"

Mais tarde tive a grande satisfacção de presidir como commandante em chefe dos exercitos franceses, ás acções offensivas que terminaram a libertação de Verdun: a de 20 de Agosto de 1917 que, sob as ordens do general Guilhaumat, restabeleu quasi integralmente as posições que ocupavamos em 21 de fevereiro de 1916, tanto sobre a margem direita como sobre a margem esquerda do Mosa; em seguida a que, em 12 de setembro de 1918, foi tão brilhantemente executada pelo I Exercito Americano, ás ordens do general Pershing, e que reduziu o famoso saliente de Saint-Mihiel e libertou o flanco Este da praça...

Verdun, enfim, a cidade illustre e inviolada, serviu de ponto de partida para os exercitos franco-americanos que, lado a lado, se lançaram para a victoria dos ultimos dias de setembro ao dia 11 de novembro de 1918!

O SOLDADO DE VERDUN

Em 19 de Setembro de 1927, uma grande multidão de peregrinos comprimia-se para assistir á inauguração official do Ossuário de Douaumont destinado a conter os sagrados despojos de um grande numero de nossos heroes caídos no campo da honra.

Nesse dia, tomado pela tristeza das recordações, evocando a imagem gloriosa e veneranda dos combatentes que outr'ora eu commandava, tentei relembrar seus sofrimentos e seus meritos. Que me seja permitido citar algumas palavras que me afloravam aos labios e que formarão a melhor conclusão do que escrevi sobre Verdun:

"... Todos deveriam ser citados nominalmente, soldados de Verdun, soldados que

combateram nas linhas cu mesmo que ficaram nas retaguardas. Pois se falar com justiça, como devo, aos que nas primeiras fileiras tombaram na luta, sua coragem teria sido em vão, se não fosse auxiliada pelo labor obstinado de dia e de noite levado até o limite das forças, daquelles que asseguravam a chegada regular dos reforços, das munições e dos viveres, ou a evacuação dos feridos: conductores dos caminhos da Via sagrada, sapadores das estradas de ferro, conductores de ambulancias...

"De que aço seria forjado esse soldado de Verdun que a França encontrou no momento necessário para fazer face a uma situação excepcionalmente grave, e que pôde enfrentar sem temor as mais duras provações? Teria recebido elle uma graça particular para ser levado tão naturalmente ao heroísmo?

"Nós que o conhecemos, sabemos que elle era simplesmente um homem, com suas virtudes e fraquezas; um homem de nosso povo cujos pensamentos e afectos permaneceram ligados, apesar de dezoito mezes de guerra, á familia, á officina, ao escriptorio, á cidade natal, á fazenda onde nasceu e cresceu.

"Mas, são precisamente esses laços individuais, cujo conjunto constitua o nó que os prendia á Patria, que lhes impunha a obrigação de proteger os seres e as cousas que aos seus olhos valiam tanto como suas vidas, que dispunham ao sacrifício total.

Outros sentimentos para isso contribuiam igualmente: amor á terra para o lavrador, que achava natural sacrificar-se pela defesa da herança patriarchal; submissão religiosa ás decisões da Providencia, no crente; defesa de um ideal de civilização no intellectual.

Entretanto, os mais generosos sentimentos não eram bastantes para justificar a aptidão combativa: esta não se adquire sinão pouco a pouco,

habitando-se com as impressões do campo de batalha, e pela experiência das condições da luta.

"Ora, é necessário recordar-se como a guerra, já tão longa, havia em 1916 preparado nossos homens fazendo-os soldados no mais perfeito sentido da palavra.

"Tantas misérias sofridas haviam-lhes enrijecido o coração contra as emoções e aumentado sua capacidade de sofrimento a um grau excepcional! A visão continua da morte encheia-as de uma resignação que confinava com o fatalismo. Uma longa prática do combate ensinara-lhes que os sucessos são obtidos pelos mais tenazes e desenvolvera-lhes as qualidades de paciência e obstinação. Comprehenderam igualmente que na luta cada um é solidário com todos os outros e sacrificara-lhes os hábitos individualistas e os preconceitos de classe, criando assim esta admirável camaradagem que garantiu a cohesão dos combatentes.

"Tornando-se soldado experimentado, confiando em si próprio e em seus camaradas, orgulhoso de sua reputação, seguia para a linha de fogo, certamente sem entusiasmo, mas sem desfalecimentos e cheio de coragem.

"Sentindo pesar sobre si a exigência das necessidades superiores da patria, cumpria seu dever até o limite de suas forças.

"Pode-se pensar com efeito que o soldado se teria elevado tão alto no heroísmo, se não tivesse atraído de si a confiança e o ardor de toda a nação? Era o paiz inteiro que aceitava a luta, com todas as suas consequências morais e materiais.

"O soldado foi o vencedor da batalha, porque recebeu do sentimento nacional, o impulso necessário; foi a vontade do paiz que a elle se impôz..."

a) Marechal Pétain.

O Dispositivo

— **O dispositivo** define a repartição das tropas e o seu escalonamento no terreno, de modo a obter a convergência de esforços, sem fadigas excessivas e perdas inuteis, na acção de conjunto prevista pelo chefe.

Doutro lado, elle permite que todos os elementos tomem as melhores formações para aproveitar o terreno, de modo a reduzir o mais possível a visibilidade e a vulnerabilidade e a empregarem nas melhores condições, inicialmente, os órgãos de observação e, a medida que se aproximam do inimigo, os órgãos de fogo.

— **Mesmo a distâncias muito grandes do inimigo**, estão as tropas expostas á acção da aeronáutica adversa: bombardeios de dia e de noite e ataques de aviões que voem baixo.

A protecção contra os ataques, aéreos, a única que se impõe neste caso, é obtida em primeiro lugar por meio de medidas tomadas pelas tropas com os recursos proprios (difares, apro-

veitamento das cobertas e tiros das armas automáticas) e, em seguida, pela aviação e pelos fogos da defesa aerea.

— **Longe do inimigo** devem as tropas guardarse contra as acções de pequenos elementos e que disponham de meios rápidos de transporte; devem, então muitas vezes, evitar certas localidades importantes e batidas systematicamente pela artilharia de grande alcance.

— **A proporção que se approximam do inimigo**, as tropas devem proteger-se contra as surpresas pelo fogo da Artilharia de longo alcance inicialmente, contra toda espécie de artilharia em seguida e finalmente contra os ataques pelo fogo da infantaria.

— Dahi resulta para as tropas, nos casos encarados pelos dois últimos paragraphos, a obrigação de articular-se em largura e em profundidade e de cobrir o seu dispositivo por meio de destacamentos de segurança.

(Réglement d'Infanterie — III Partie — Titre V).

A PRATA DE CASA

Pelo Cap. PAULA CIDADE

Os antigos generaes do Brasil teriam sido inferiores aos generaes de outros paizes, seus contemporaneos?

A resposta affirmativa a semelhante interrogação constitue uma lenda, filha da ignorância.

Viveram elles numa época em que os estudos militares ainda não estavam systematizados, em que os conhecimentos tacticos decorriam da experiença adquirida durante as proprias guerras e das aptidões de cada um.

Tem-se dito e tem-se escrito, principalmente a partir de Napoleão, que se pode aprender a fazer a guerra lendo as campanhas dos grandes generaes e meditando sobre ellas. Admittindo que os nossos fossem menos letrados do que os europeus, o que nem sempre é verdade, esse preceito não podia deixar de ter um valor muito relativo, por que se de um lado foi Napoleão quem prescreveu de modo explicito semelhante estudo, de outro, foram os estados-maiores alemão e francez que nos ensinaram a fazel-o.

Das narrativas heroicas, que representavam a melhor porção da historia militar de todos os povos, pouco se aproveita sob o ponto de vista technico; não são fieis nem methodicas e deixam de lado a parte referente aos principios que foram aplicados.

Os nossos generaes e os generaes portuguezes do tempo do Brasil colonia ou do primeiro imperio, fizeram tanto ou mais do que os seus confrades europeus, olhados em massa. Formados na mesma escola, cada qual se adaptou ao seu scenario.

As operações que dirigiram não foram obra acaso, conforme se pode ver dos vestigios deixados em nossos archivos; eram gizadas previamente, embora sem os requintes actuaes, de-

correntes da complicação do instrumento a ser manejado.

Perfeito ou imperfeito, o serviço de segurança sempre existiu; os exercitos sempre se alimentaram e gastaram munições, sempre receberam homens aptos e evacuaram os seus doentes e feridos. Tudo estava previsto, de acordo com os modestos recursos e com as limitadas necessidades daquelles tempos.

E os generaes, de onde provinham? Dos melhores soldados, dos que haviam obtido maiores exitos na guerra. Os maiores exitos correspondiam certamente a maior experiença e a maiores aptidões.

Nega-se aos nossos, por desconhecimento do assumpto e por falta de amor proprio nacional, o que amavelmente se concede aos outros, esquecendo que dentre os antigos generaes brasileiros muitos tomaram parte nas mais celebres campanhas europeas. Sob o governo de Pedro I, contratamos na Europa officiaes de estado-maior de alto valor, como esse Seweloh, que nos legou um optimo diario critico da primeira parte da campanha de 27, Brown, official alemão que servira em Portugal e na Inglaterra contra Napoleão, ocupando altos postos. E assim outros, sendo que o proprio De Brack, antes de publicar os seus *Avant-postes de cavalerie légère*, esteve no Rio de Janeiro, empenhado em organizar um regimento de sua arma.

Toda essa gente sabia o seu officio do lado de lá do Atlântico, mas esquecia-o do lado de cá.

Um paiz cujos filhos não tenham o suficiente amor proprio para exaltar o seu passado e para impedir que um manto de injusticas envolva a aquelles que conquistaram e defenderam o solo da patria commun, pouco pode esperar das novas gerações...

Os officiaes da tropa e "A Defesa Nacional"

"A Defesa Nacional" infelizmente ainda não conseguiu a permanencia, em suas colunas, de uma collaboração proveniente dos officiaes dos corpos de tropa. Esparsamente nos chegam artigos dos nossos camaradas em serviço arregimentado.

Parece-nos, entretanto, que esta Revista ainda seria mais util ao Exercito se pudesse vehicular, em suas paginas, e com accentuada frequencia, estudos, descripção dos exercícios importantes, programmas de instruc-

ção, suggestões, propostas, criticas, impressões, etc.

Bem sabemos que são grandes as occupações que tomam o tempo de um verdadeiro oficial de tropa. Avaliamos tambem o alcance dos seus trabalhos, cujo conhecimento, por parte dos officiaes dos estados-maiores, escolas, repartições e estabelecimentos militares, só poderia ser conveniente e util.

Aqui deixamos, pois, o nosso appello de collaboração aos camaradas dos corpos de tropa.

O R D E R I S. G. 1930

Pelo Cel. BERTHOLDO KLINGER

(Continuação da parte C. — Observações por menor)

DO TITULO II — 16. — O art. 65, das atribuições do cmt. do regimento, reproduz em seu n. 11 a competência dessa autoridade de convocar os officiaes de reserva, para os periodos regulamentares de instrucção, e no n. 17 a de convocação de reservistas para instrucção. E' para desejar não continuem inoperantes essas duas atribuições; o seu exercicio depende do ajustamento de outras lei, especialmente da de meios.

17. — O mesmo art. 65, em seu n. 22, dá ao cmt. do corpo a competencia de "designar em boletim o dia e hora em que se deverá effectuar o pagamento dos officiaes e das praças"; é uma ampliação do que a 2^a ed. já estabelecia com relação aos vencimentos das praças: tocando no assumpto, melhor fôra haver aproveitado para dar-lhe um geito mais livre e mais completo. Para que essa prévia designação em boletim? Quem não sabe que em corpo algum, recebido o dinheiro, se espera pelo boletim para começar o pagamento? Basta a autorização verbal ao almoxarife-pagador e a notificação verbal, expedita, aos interessados - uma boa nova, que encontra grande conductibilidade no meio, tão grande como a que é proverbial para as más novas. Basta que o boletim ao publicar o recebimento acrescente que foi autorizado o pagamento; e seria o caso de ver no Regl. n. 3 tudo quanto elle estabelece sobre publicidade de movimento de fundos e encaixar neste logar essa matéria, completa.

18. — No n. 24 está fixada uma recomendação de que presida a equidade á distribuição dos recrutas entre as sub-unidades, tanto no ponto de vista da habilitação profissional civil, como no da habilitação escolar. E' uma medida que não carece justificação e só deve causar estranheza que ainda fosse mistér recommendar isso, mas é verdade que raros eram os corpos em que assim se procedia.

19. — Neste mesmo n. e no 25 transparece, porém, uma idéa imperfeita quanto á intervenção dos chefes de serviços para a distribuição dos recrutas: só depois do exame de instrucção dos recrutas é que esses chefes podem pretender uma atribuição de pessoal proprio, assim mesmo ainda com restrição, isto é, sómente tanto quanto exija a prestação do respectivo serviço especial ou a aprendizagem e pratica correspondentes. A classificação definitiva annual de pessoal para os serviços só é racionalmente cabível depois do respectivo exame de instrucção da especialidade, o qual normalmente poderá ter logar pelo fim do 2^o periodo, de preferencia antes dos exames deste, para que ahi já as cias., etc., possam figurar com conscriptos do anno em todas as funcções. E' coisa perfeitamente a distinguir

da necessidade indiscutivel de se começar — e o mais cedo possível — no 1º periodo a instrucção dos novos aprendizes de especialistas; para a designação dos respectivos candidatos é justo que intervenham os chefes dos serviços, mas isso não deve envolver nem classificação nem transferencias, mesmo porque por algum tempo tem que ficar abertas as portas ás permutes que resultarem necessarias, visto como não ha base segura, em geral, para acertar nas designações iniciaes, que, por isso mesmo devem ser feitas com excedentes.

20. — Pelo n. 26 parece que continua em vigor o recente aviso que mandou submetter a approvação do cmt. da Região os engajamentos de sgt. Se a intenção é esta, conviria tê-lo ahi expresso. Creio que o Sr. Ministro preferiria deixar em sossego essa deselegante entorse do R. S. M. qual não posso mais detidamente comentar porque sei de onde partiu e como escapou de ser mais grave.

21. — No n. 29, sobre a escripturação dos reservistas, conviria ter incluido a obrigação de proceder periodicamente ao confronto com o registro militar, nas circumscrições de recrutamento. O operoso ten. cel. Ascendino D'AVILA MELLO, chefe da 1^a C. R., teve a iniciativa de realizar semelhante confronto e descobriu num R. a falta de escripturação de cerca de dois mil reservistas.

22. — Pelo que dispõe, ainda no art. 65, o n. 30, na alínea c não fica revogada a sabia disposição que tomou o aviso de 9 de maio de 1923, segundo a qual o official promovido, até ser classificado continua prestando serviço no corpo, como se efectivo fosse, desde que haja função para seu novo posto. Teria sido opportuno consolidar esse preceito, incluindo-o no R. I. S. G.

23. — Na alínea e do mesmo n. teria cabido cogitar do caso, que não raro se apresenta, em que a praça julgada physicamente incapaz é excluída e só consummado isso apresenta sua petição de asylamento.

24. — Pela alínea 31 cessa a faculdade de excluir por interesse da disciplina as praças que só estejam retidas por motivo de dívida ou de cumprimento de castigo disciplinar. Era um optimo recurso, de que agora é privado o cmt., na defesa da disciplina. Sob o ponto de vista pecuniário, estreito, é uma illusão conservar tal homem no serviço até que elle ganhe do Estado o necessário para pagar o que deve ao proprio Estado ou ao corpo; e já se abre mão, nessa conta, do aspecto de que não menos illusoria é a prestação de serviço por um homem retido constrangido. Sob o ponto de vista do cumprimento do castigo, também esse luxo de mandonismo sae caro ao Estado, e seria muito mais efficiente, educa-

tiva e disciplinarmente, a declaração de que o homem é excluído a bem da disciplina, apesar de não haver cumprido a pena disciplinar ou saldado a dívida.

A exclusão em semelhante situação é, felizmente, prevista no R. I. S. G. quando se trate de homem alcançado pela pena de exclusão por incapacidade moral (n. 30, alínea g).

25. — Pelo n. 34 conserva-se a exigência de cinco anos de serviço para que o sgt. obtenha licença para casar-se. Seria razoável reduzir a exigência e generalizar a medida: para as praças reengajadas. O desrespeito da condição referida é previsto como transgressão disciplinar; mas, qual é o proveito que ha em prender por 30 dias ou mesmo só por 24 horas um sgt. que se casou sem ter pedido licença, que não podia pedir por não ter cinco anos de serviço? O cmt., que não seja puro transmissor inerte das pressões dos chefes e dos regulamentos, para não incorrer elle mesmo em transgressão (art. 338, n. 66) satisfará o R. I. S. G. com uma reprehensão. Então dirá tal sgt.: vale a pena arriscar... Mas a rigorosa aplicação da proibição regulamentar em causa, sobre ser de utilidade e legalidade muito contestáveis e de evidente antipatriotismo num país que tanto clama pelo povoamento do sólo, dá lugar a males maiores: ou casamento legal, mas clandestino, ou união illegal.

26. — Para que emprestar ao registro dos períodos de manobras a especial importância em que o destaca o n. 37, ainda do art. 65? A caderneta está organizada de tal maneira que esse acontecimento constituirá da vida militar do soldado não será omitido no registo. Seria o caso de dizer nesse n. algo mais geral e mais completo sobre a escripturação da vida militar do homem na sua caderneta a isso destinada.

27. — Em vez de quatro dias, uma vez no mês (R. I. S. G. 1920), pode o cmt. do corpo dispensar por seis dias aos seus commandados, estabelece o n. 46; porém com uma alteração em sentido contrário: tal dispensa só pode ser dada "uma vez dentro de trinta dias". Para evitar o horripilante abuso a que dava lugar o R. I. S. G. antigo de se emendarem 4 dias dum fim de mês e mais 4 do começo do imediato...

28. — No direito de anular "sómente dentro de trinta dias e caso ainda não esteja averbada", conforme dispõe o n. 47, "qualquer nota disciplinar sua, uma vez que venha a reconhecer a injusta ou illegal", bem se poderiam ter suprimido aquellas restrições; porque: 1º, em geral, por acumulo de serviço, o atraso das averbações é superior a 30 dias; 2º, o cmt. ahí tem, ipso facto, o conselho de systematicamente estabelecer que não se façam tales averbações antes de decorridos 30 dias; 3º, se a averbação ou o decurso de mais de 30 dias, afinal, não impedem que se faça a anulação, não é pratico absorver com tales ninharias o tempo sempre tão pouco para as mais importantes meditações de um ministro. O disposto no n. 75 reforça essas considerações. (Ver adiante, 38).

29. — A anulação do alistamento indevido de praça dum reservista ou dum excluído por incapacidade moral, n. 48, deve ser completada com

uma sanção penal, por via civil. E a anulação de praça do voluntário que se haja servido de documentos falsos, n. 49, deve ser precedida de trabalho a ver se é possível obter documentos verdadeiros, que justifiquem a incorporação; caso isso seja improfícuo, o castigo, que para este caso o R. I. S. G. prevê, deve ter lugar por via civil.

30. — Poder-se-ia ter aproveitado o n. 52 para dar um impulso "educativo no sentido de mudar a mentalidade dominante do traquejo da "carga certa", pela mentalidade, militarmente única admissível, da "carga completa". Assim é que nos casos quaisquer de inutilização ou extravio de artigos da carga, a primeira providencia, acima de tudo, deve ser a prompta substituição; só depois virá a comunicação da ocorrência e das decorrentes providências, á repartição fornecedora ou preposta.

31. — O n. 53 mantém uma disposição irracional: para que fazer depender de prévia autorização das directorias ou serviços fornecedores a descarga de artigos extraviados ou inutilizados, "quando não fôr encontrada justificativa de força maior e não haja responsaveis pelos prejuizos"? Que é que esse órgão pôde fazer senão autorizar a descarga? Por que, então, protelar um acto elementar, como esse de publicar a eliminação de artigos da carga, quando se verificou que desapareceram ou ficaram inutilizáveis? Essa elementar declaração poderia, em rigor, até preceder a apuração das causas, pois que são coisas perfeitamente independentes. Parece que o intuitivo é que, seja qual for o caso e a causa de eliminação de artigos da carga, a respectiva publicação deve ser feita pelo cmt. do corpo, ao mesmo tempo, sempre que possível, com a da providencia para recompletar a carga, e depois fazer a comunicação, com os competentes esclarecimentos, á respectiva directoria ou serviço fornecedor.

32. Que utilidade ha nessa exigência, raro exequível, do n. 54, de remeter o corpo mensalmente, "até o dia 10", o mappa da despesa de iluminação? A frequencia do mappa deve guardar relação com a duração dos respectivos quantitativos ou massas, o que não impede que elles tragam a discriminação do consumo diário.

E' velha no exercito, e profundamente arraigada, a crigia de mapas e toda outra papelada, de imensa variedade; quanto mais se vai tendo que trabalhar utilmente, mais cresce a repulsa irreprimível ás exigencias sem utilidade incontestável e evidente. Si se passassem previamente as exigencias burocráticas pelo critério da utilidade, os executantes sentiriam uma inteligencia, uma finalidade, no trabalho que se lhes impõe e então haveriam de satisfazê-lo de boa vontade.

33. — Por que e exclusiva citação, no n. 57, dos inappas do material de mobilização a serem remetidos nas épocas devidas? Poder-se-ia acrescentar: "e outros, estabelecidos pelos diversos regulamentos".

Em particular quanto a material de mobilização, é de esperar que o novo R. S. M. B. ou melhor, o Rgl. n. 3 traga a definição precisa do que se deva entender por esse material, pois que vulgar vê-lo confundido, precisamente nos

mappas, com a dotação de serviço corrente ou de pé de paz.

34. — No n.º 64, sempre ainda art. 65, uma vez que se dá destaque á descarga das "munições consumidas em exercícios", e á correspondente comunicação ao S. M. B. da Região, poder-se-ia ter acrescentado: "e ordenar o competente recolhimento de resíduos (cunhetes, estojos, caixetas, etc.), bem como remetter oportunamente os mappas de registro de tiro".

35. — O relatório anual, "organizado de acordo com o memento annexo ao presente rgl.", a enviar á autoridade imediatamente superior, n.º 65, o deveria ser em duas vias, uma delas destinada a ser encaminhada ao M. G.; além disso, o próprio corpo deveria remetter directamente ás diversas directorias cópia da respectiva parte do relatório.

36. — No n.º 69, referente á limitação do prazo de exercício de funções pelos ajt. de R. e de Btl. cumpria, para melhor assegurar a efectiva observância desse velho e bom preceito, intercalar entre as duas primeiras palavras, "Provo-car providencias", este complemento: "com a conveniente antecedencia"; e, principalmente, acrescentar no fim: "e substituí-los interinamente ao cabo desse prazo, improrrogável, caso não tenham chegado as providencias". Talvez conviesse indicar também que no pedido de providencias o cmt. do corpo devia propôr a troca de funções de officiaes seus, mais conveniente para resolver o caso.

37. — O n.º 72, relativo á nomeação da comissão de remonta, parece superfluo, deante do n.º 20, que já cogita de todas as "comissões previstas nos regulamentos".

38. — O n.º 75 crea uma louvável novidade, qual a do cancellamento das más notas, como premio de dez annos de bom comportamento. Independente de seu mérito intrínseco, essa inovação vem permitir que se acabe com a conhecida fraude que dá a toda gente as medalhas de bons serviços militares, instituidas por decreto de 15 de novembro de 1901. Conviria determinar que os cmt. de corpo fizessem tal cancellamento ex-officio, e sómente se necessário haveria requerimento do interessado.

39. — No n.º 79, referente ao sacrificio de cavalos por motivo de certas doenças ou de desastre, conviria acrescentar: "Si o sacrificio tiver que ser consummado fóra do quartel, o oficial de dia será substituído por outro oficial, que acompanhe o veterinario e assigne o termo e, em qualquer caso, se faltar veterinario será este substituído por outro oficial".

40. — Para encerrar os reparos sobre o art. 65, convém deixar mencionado que: 1º, apesar de tão desenvolvido, prolixo mesmo, está incompleto, e que a ambos esses senões se remediaria fazendo apenas menção dos diversos regulamentos que o cmt. do corpo tem que manusear atentamente e constantemente em busca de atribuições a cumprir, que elas lhe prescrevem; tal manuseio de todo modo é imprescindível, pois por mais vastas que sejam as transcrições no R. I. S. G., elas não são completas; 2º, a matéria a especificar neste artigo em que se desenvolvem, enumeram

ou accentuam atribuições do cmt. do corpo é susceptível de um esforço de coordenação, de forma que se apresentem reunidos os itens atinentes á mesma natureza de serviço, que dentro de cada grupo assim caracterizado os itens se succedam com naturalidade, quando possível, e que igual criterio presida á successão dos grupos.

41. — Na epígrafe "Do sub-cmt.", art. 66 e 67, parece que seria duplo melhoramento alterar a redacção do 1º e transferir delle uma parte para o 2º, que é das incumbências: Ficaria, por exemplo:

"Art. 66. — C sub-cmt. é o auxiliar principal do cmt. do corpo, seu intermediário na expedição das ordens e seu delegado permanente para a fiscalização de sua execução.

Art. 67. — Incumbe ao sub-cmt.:

I. Exercer toda a iniciativa e dedicação no desempenho de sua função e esforçar-se pela estrita unidade de vistas com o cmt., mórteme não esquecendo, nem deixando esquecer, que ao emitir ordens ou colher informações o faz em nome do cmt".

42. — Na epígrafe "Do ajudante", art. 68 e 69, nota-se que não foram galhardamente vencidas as dificuldades varias inherentes ao problema de substituir por uma regulamentação clara a situação antiga, desde muito decalhada, em que havia um ajudante de R. e um secretario, para os mesmos serviços que pouco depois da publicação do R. I. S. 1920 passaram a ser exercidos por um só oficial, por efeito de reforma na organização do Exército.

Melhor exprimirá a minha apreciação supra a seguinte proposita de alteração:

"Art. 68. — O ajt. do corpo é o auxiliar imediato do sub-cmt. para o serviço da Casa das Ordens e é o cmt. da cia. extranumeraria, tendo como subalterno o oficial das transmissões e outros officiaes do corpo que não pertençam aos btl. e aos serviços.

Art. 69. — Incumbe ao ajudante".

Nesse segundo artigo ficariam enfeixadas todas as incumbências, especialmente de cmt. da Cia. Extr. e de Casa das Ordens, que, incorretamente estão separadas em dois artigos. A essas incumbências conviria acrescentar a que lhe dá o R. I. Q. T. de encarregado do registo da instrução dos officiaes. E ao mencionar a matéria que agora está no art. 69, n.º 1, conviria, muitíssimo, acrescentar; "e pessoalmente fiscalizar toda a expedição de correspondência ou documentos".

43. — Na epígrafe "Companhia extranumeraria", que abrange doze sub-epígraphes, art. 70 a 80, faço os seguintes reparos:

a) — No art. 71, do 1º sgt. arch., não havia necessidade do § único: a simples conjuncão "e" fazia melhor o serviço (como de facto está feito no art. 72, do 2º sgt. arch.).

b) — No art. 73, do 2º sgt. do m. b., ha neste R. I. S. G. melhor definição das funções, em correspondencia com a denominação. Teria sido ainda melhor não entrar na especificação do material bellico, para não omitir as viaturas, que delle fazem parte, nem entrar no conflito das

duas directorias, de Intendencia e de Material Bellico, sobre o arreiaamento.

c) — No art. 74, do 3º sgt. forriel, cabo forriel e cabo do m. b., em vez de "as mesmas" (atribuições) deve ser "analogas". Porque na Cia. o 3º sgt. forriel acumula funções de m. b., o que não se dá na Cia. Extr. e lá o cabo do m. b. é, pelo motivo indicado, auxiliar do 3º sgt. forriel, o que aqui não tem cabimento, ao passo que naturalmente elle deve aqui ser auxiliar do 2º sgt. m. b.

d) — No art. 75, dos sgt. artifices, ha o judicioso aproveitamento dos mesmos no serviço de munições, a fazer sistema com outros dispositivos novos do R. I. S. G.

e) — Nas atribuições dos musicos, art. 79, foi omittida a aprendizagem do serviço de padoleiros.

f) — A Nota que está em seguida ao art. 80, parecendo por isso referir-se a elle, quando não é o caso, deveria ser uma subepigraphe — é a que contei como 12º — e constituir um art.

44. — Passando ao "Capitulo II — Do pessoal das transmissões", tem-se um leve choque, por lembrar que o "Capitulo I — Regimento", não está completo; e examinado adeante verifica-se que os dois seguintes: "Cpt. III — Do pessoal administrativo" e "Cpt. IV — Dos officiaes e graduados contadores em geral" ainda deviam entrar na chave do "Regimento"; e, ainda, examinando atraç verifica-se que o subtítulo do cpt. I, "Estado Maior" também ficou incompleto, rão só por deslacemento de materia dentro deste Titulo II, mas até por uma relegação de officiaes do Estado Maior do R. para outro Titulo: o pessoal de saúde e veterinaria.

Em resumo, estamos deante de um grave defeito de articulação da materia. O Titulo II deveria ser dividido em três "Partes", 1ª, 2ª e 3ª, O REGIMENTO, O BATALHÃO, A COMPANHIA; a 1ª Parte comprehenderia dois capítulos, "Estado Maior" e "Cia. Extr." (por que não restabeleceremos a derrocada designação antiga, nacional, mais simples, "Estado Menor"?); o capítulo "Estado Maior" comprehenderia não só, como está, o cmt., o sub-cmt. e o ajt., mas ainda o fiscal adm., o oficial de transm. etc., os medicos, os veterinarios e os officiaes contadores; o outro capítulo, que completa a 1ª Parte, comprehenderia, alem do que está, tudo que se refere ás praças das trasm. e dos serviços (contadores, saúde e vet.). Analoga articulação deveria ter a Parte 2ª, do Btl, isto é, em dois capítulos, Estado Maior e Cia. Extra. Ainda por analogia, a 3ª Parte, A Cia., teria dois capítulos: Os officiaes, as praças.

45. — A promissora innovação de delimitar as funções do antigo fiscal, desdobrando-as entre um sub-cmt. e um fiscal adm., uma vez que este é do quadro da arma, (art. 88) deveria na applicação prevêr um rodizio, analogo ao dos ajt. Este é um outro pequeno retequê poderiam ser attendidos com um n. 4 a acrescentar ao art. 90, assim:

4. São substituídos definitivamente:

a) por proposta do cmt. do corpo, devidamente justificada;

b) por acto do cmt. do corpo, ao cabo de dois annos de função, na fôrma do art. 65, n. 69".

Si com alguma razão se fica apprehensivo á primeira leitura do art. 88, quando se toma conhecimento de que o fiscal adm. "é o auxiliar immediato do cmt. na administração do corpo", e isso porque não se comprehende que possa haver nada no corpo que não seja de sciença do sub-cmt., vae-se entretanto recuperar a tranquilidade relendo no art. 66 que o sub-cmt. é o intermediario do cmt." na expedição de todas as ordens, cuja execução fiscaliza".

46. — O Capitulo IV, "Dos off. e graduados contadores", consolida a remodelação havida nessa materia e ajusta as atribuições dos officiaes contadores á criação do fiscal adm., ao qual elles ficam "directamente subordinados" (art. 93). As antigas funções de almoxarife e thesoureiro ficam reunidas num só agente, o almox.-pagador (art. 95 e 96).

Os "balanços regulamentares do material", art. 95, n. 18, passam a organizar-se sobre a classificação em "bens moveis, immoveis, permanentes e de consumo".

Diz o art. 96 que "a almox.-pagador tem como auxiliares sgt. contadores e do m. b." e o art. 98 que "o official de aprovisionamento tem como auxiliares sgt. contadores": vem a idéa de que seria mais natural suprimir a designação especial de m. b. aumentar correspondentemente o numero de sgt. e cabos contadores, po's que ficariam todos os auxiliares dos contadores com esta designação espontanea; tanto mais que o art. 99 prevê o muito util revesamento dos sgt. contadores — e porque não fazer o mesmo para os cabos contadores — nos diferentes ramos de serviço de adm. Tambem seria outra solução razoavel e pratica, a conservar a separação de graduados de m. b., dar a todos os demais graduados contadores designação discriminada, consoante a dos respectivos officiaes: sgt. e cabo almox. id. pagador, id. aprovisionador.

Parece que no art. 95, "Do almox.-pagador" o n. 13 comportava uma redacção diferente, aimi de ficar integralmente de acordo com o que, sobre pequenos pagamentos, dispõe o art. 208, n. 4 (C. A.); outrossim cabia neste art. uma menção de que este funcionario é um dos tres clavicularies do cofre, em que são guardados "os fundos e todos os documentos de valor", "sob a responsabilidade do conselho" (art. 208, n. 1).

47. — Desde que recebemos a M. M. F., agravou-se assustadoramente entre nós a irreflexão no emprego do particípio presente. Claro que não é della a culpa, é só nossa. Chamo de irreflexão para fazer vista grossa sobre os casos específicos de preguiça ou de ignorancia, isto é, desconhecimento tanto do francez como do vernaculo.

Por exemplo, no art. 111, competências do cmt. de cia., diz o n. 2: "Educar militarmente seus commandades inspirando-se na justiça..." Esta reflexão do verbo "inspirar" está deficietamente empregada, pois tem um efeito restrictivo, que não é do pensamento a exprimir; falta uma palavra que indique, sem esforço,

que se trata duma exemplificação ou particularização, e não duma modalidade terminante, unica. Resolveria o caso a fórmula: "mórmemente inspirando-se...".

Efeito e defeito analogos apresentam-se no n. 8: "Administrar a cia. providenciando..."; igualmente no n. 11: "Examinar frequentemente os animaes da cia... verificando..." etc. etc.

48. — No mesmo art. 111, o já referido n. 8 deveria ser desdobrado em dois. A sua segunda proposição é uma novidade que, já por isso, merecia destaque. Trata do adeantamento de recursos á cia. para acquisição de artigos de asseio individual para os recrutas, "para indemnização mediante modicos descontos mensaes".

49. — O n. 14, distribuição do pessoal e da cavallhada, tem a impressão digital do cavalliano collaborador, pois, por excepção traz uma indicação particular referente á precedencia dos pelotões no esquadrão. Este vestigio vem chamar a attenção sobre uma novidade deste R. I. S. G., qual a de haver suprimido neste Título II, "Das atribuições e deveres inherentes a cada posto e função", a separação por armas, adoptada na ed. de 1920: tratava esta primeiramente da infantaria e, depois, num numero consideravel de paginas e artigos trazia as disposições complementares para cada uma das outras armas. A' primeira vista a nova solução parece boa; resta verificar se não houve prejuízo. Quanto ás particularidades decorrentes da cavallhada, não havia dificuldade porque, de facto ella tambem existe na infantaria; mas no que entende com o materi-

al de artilharia, essa radical unificação não terá acarretado omissões sensíveis?

50. — Na sub-epigraph "Das ordenanças e bagageiros", art. 126, subsiste a velha distinção subtil, irreal, a que pretendem essas duas designações. Não só porque o art. apenas define o que compete ao ordenanç, e não faz o mesmo quanto ao bagageiro, como por toda a trama de seus dez numeros, vê-se que praticamente não ha diferença entre ordenanç e bagageiro. O facto dos quadros de efectivos prevêrem reduzido numero de ordenanças e não prevêrem bagageiros não justifica que se mantenha essa illusoria diferença. As necessidades são as mesmas para os diversos officiaes. Dever-se-ia em toda a epigraph suprimir o bagageiro e alterar radicalmente os ns. 1 e 2, por exemplo, naquelle substituindo "e os officiaes superiores e commandantes de companhias arregimentados, em serviço na tropa" por "os officiaes em serviço na tropa" e, assim, o n. 2: "Os officiaes arregimentados sem ordenança previsto no quadro de efectivos terão para o respectivo mistér uma praça de sua sub-unidade, sem prejuízo da função effectiva".

51. — Falta alguma coisa nas disposições anteriores para mostrar que não é só na Cia. que figuram ordenanças.

52. — O art. 127 está envolvido na sub-epigraph precedente, entretanto nada tem que ver com ella. Falta-lhe a epigraph "Observação geral" ou outra equivalente, a exprimir que o assunto se refere a todo o Título.

(Continúa)

Notas á Margem de Exercícios Tácticos

(1a. SERIE)

Sobre o sentido táctico do terreno

PELO CAP. MARIO TRAVASSOS

Nomenclatura do modelado e dos accidentes planimetricos. — Certas particularidades sobre o emprego das regras de leitura de cartas. — Systematização de processos para se resumirem e interpretarem trechos de carta. — Tudo calculado no valor táctico do terreno.

À VENDA EXCLUSIVAMENTE NA

PAPELARIA VILLAS BOAS

Preço 6\$000 -- Pelo Correio 6\$500

RUA SETE DE SETEMBRO, N. 223 -- RIO

Questões do exame de admissão á E. E. M. em 1930

Subsidios para os candidatos á Escola de Estado Maior

N. da Red. — De acordo com a promessa feita em numeros anteriores, continuamos hoje a fornecer subsidios para os candidatos á matricula na Escola de Estado Maior. As questões que agora publicamos, e que foram propostas de acordo com as instruções de 30 de Setembro de 1929, ainda não correspondem ao novo R. E. E. M. nem ao programma que estampamos em outro local.

Dentro em breve daremos uma solução da parte tactica e indicaremos as fontes para a redacção das outras partes.

THEMA TACTICO

Carta: S. PAULO — Folhas de JAHU' e BOA ESPERANÇA 1/100.000.

I — Situação Geral

A 1^a D. I., ala direita de um exercito Vermelho, deve transportar-se a 1^o de Abril da região de JAHU' — Est. IGUATEMY — Est. CAMPOS SALLES sobre o Rio JACARE' PEPIRA por BOCAINA, tendo em vista ocupar ultimamente a região de Est. JAVA — Est. PONTE ALTA.

A missão da 1^a D. I. é retardar a progressão, para S O., de forças Azues, assignaladas nos últimos dias do mês de Março entre os Rios JACARE' GUASSU' e BOA ESPERANÇA e, se possível, detê-las sobre o Rio JACARE' PEPIRA.

II — Situação Particular.

Tendo sido informado o Gen. Cmt. da 1^a D. I. de que forças azuis atingiram na tarde de 30 de Março o Rio BOA ESPERANÇA na região de BOA ESPERANÇA, bem como a Serra de DOURADO nas proximidades de Est. FERRAZ SALLES, elle decide cobrir a marcha a 1^o de Abril:

a) — por uma Vanguarda constituída de... que deverá seguir o itinerario JAHU' — BOCAINA — Faz. da BARRA;

b) — por uma flancoguarda, comprehendendo:

1 Esq. C.
1 Btl. I.

1 Bia. de 75 de dorso, sob commando do Major Cmt. do Btl. I.

A missão desta Flancoguarda é transportar-se na manhã de 1^o de Abril para as alturas a Leste de POUSO ALEGRE DE CIMA, com o fim de impedir ao inimigo o desembocar da estrada DOURADO — Faz. INDEPENDENCIA.

A Flancoguarda já deverá estar em posição nas elevações referidas no momento em que a testa da Vanguarda da 1^a D. I. atingir o Rib. da PRATA (BANANAL — PALMEIRAS). Ela seguirá o itinerario: estrada JAHU' — DOURADO por POUSO ALEGRE DE CIMA e Faz. INDEPENDENCIA.

A testa da Vanguarda desembocará ao N. do Rio JAHU' (sahida N. de JAHU') ás 6 h. 30 min. de 1^o de Abril.

Trabalho a executar

1^a PARTE

(Tempo concedido: 2 ½ hs.)

1^a Questão: A que hora deverá o Grosso da Flancoguarda desembocar de JAHU' a 1^o de Abril?

A que hora o Cmt. da Flancoguarda conta estar com o Grosso do seu destacamento sobre a posição fixada pelo General Cmt. da D. I.?

2^a Questão: Indicar (sem comentários) a formação de marcha adoptada pelo Cmt. da Flancoguarda.

3^a Questão: Precisar (por escripto e sobre um calco) de que maneira — admittida a hipótese de que o inimigo não intervém durante a marcha, o Cmt. da Flancoguarda espera cumprir a sua missão (posição a ocupar, dispositivo a tomar e disposições tomadas em consequência).

2^a PARTE

(Tempo concedido: 1 hora)

Situação

Durante a marcha, os elementos de Cavalaria da Flancoguarda são detidos por fogos de fuzil na passagem do Rib. POUSO ALEGRE. As Fazendas BRANDÃO, CAMPANAL, e POUSO ALEGRE estão ocupadas por elementos ligérios inimigos (cavalleiros a pé).

Questão:

a) Em face desta situação, indicar quais as disposições imediatamente tomadas pelo Cmt. do Esq.?

b) Em vista das disposições tomadas, os cavalleiros inimigos retiraram-se, mas o Grosso do Esq. não pôde desembocar sobre as cristas a N. E. do Rib. O inimigo ocupa o grupo de casas ao N. da palavra ALEGRE (POUSO ALEGRE DE CIMA) e a crista a S. E. até o caminho, incl. (orientado S. O. — N. E.) vindo de Faz. BOA VISTA.

Questão:

1^a — Quais são as disposições tomadas pelo Cmt. do Esq.?

2^a — Qual é neste momento a situação dos elementos da Flancoguarda?

Dizer qual a hora approximada nesse momento.

3^a PARTE

(Tempo concedido: 2 ½ horas)

Situação:

No momento em que a Flancoguarda se encontra na situação precisada (pelo candidato) na questão anterior, ouve-se violenta fuzilaria e alguns tiros de canhão na direcção de BANANAL (3 kms. S. de BOCAINA). Os primeiros elementos da Vanguarda da 1^a D. I. estão, certo, engajados.

O Esq. da Flancoguarda confirma a ocupação da região POUSO ALEGRE e da crista situada a S. E., onde ele esbarrou com uma cortina de fogos.

Um cavalleiro inimigo aprisionado diz que seu Esq. tinha por missão ocupar POUSO ALEGRE. Um pel. deste Esq. estaria para o lado de Faz. BANANAL (4 kms. N. O. de POUSO ALEGRE). Uma Cia., I., pelo menos, estava na noite de 31 para 1º na Faz. INDEPENDÊNCIA. Na tarde de 30, elementos de I. (talvez um Btl.) se achavam na região de JACUTINGA.

O cavalleiro viu, no dia 30, I. com um pouco de A. em DOURADO.

Questão:

- a) Decisão tomada pelo Cmt. da Flancoguarda.
- b) Ordens dadas
- c) Ordens dadas em consequência:
 - pelo Cmt. do Esq.;
 - pelo Cmt. do Batalhão;
 - pelo Cmt. da Bateria.

4^a PARTE

(Tempo concedido: 1 hora)

- a) De que se compõe o T. C. da Flancoguarda?

Como e onde marchará elle, supondo-se que o inimigo não intervém antes da ocupação da posição?

- b) Na tarde de 31 de Março os elementos da Flancoguarda receberam os viveres para 1º de Abril.

Como estão estes viveres?

Como as unidades (cavallaria, infantaria e artilharia) da Flancoguarda serão reabastecidas na tarde de 1º de Abril?

Suppõe-se que:

1º — a Flancoguarda está em posição;

A nova LEI DO ENSINO apenas iniciou a reforma constructora que ha longos annos o Exercito necessita e ambiciona.

Para completar os fundamentos sobre os quaes se erija com firmeza e segurança a DEFESA NACIONAL, dois complementos são imprescindiveis:

-- organização pratica dos estados maiores;
-- nova lei e novos processos de promoções.

2º — os grossos dos R. I. e R. A. que forneceram os elementos da Flancoguarda se acham estacionados na região Faz. RIACHUELO — Faz. MANDAGUAHY (7 kms. N. de JAHU'). O R. C. D. está ao N. de BOCAINA.

3º — o reabastecimento das unidades da Divisão será assegurado normalmente pelo jogo dos T. E. (cujas secções cheias estavam na tarde de 31 agrupadas na saída E. de JAHU') a partir de 8 horas de 1º de Abril.

SESSÃO DE GEOGRAPHIA

(Duração — 3 horas)

Vias de comunicação do Brasil.

SESSÃO DE TOPOGRAPHIA

(Duração — 3 horas)

Fazer sob o ponto de vista das operações a realizar pelo Destacamento do thema estudado, a descrição topographica do terreno limitado: ao Sul pela linha: JAHU' — BARREIRO; ao Norte pelo Rio JACARE' PEPIRA; a Oeste pela linha: JAHU' — Rib. da BOA VISTA.

SESSÃO de LEGISLAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO MILITAR

(Duração — 3 horas)

1^a Questão: Divisão militar do territorio nacional sob o ponto de vista da incorporação e sua justificação;

2^a Questão: Organização do Estado Maior do Exercito.

SESSÃO DE FRANCEZ

(Duração 1 hora)

Dizer sumariamente em francez, qual o sistema orographico brasileiro; e os principais artigos que constituem o commercio de exportação do Brasil.

SESSÃO DE HISTÓRIA

(Duração — 4 horas)

Apreciação succincta sobre a Guerra do Paraguai; suas causas e consequencias.

M A L A C O M B A T E R

Por varias vezes nos tem sido assinalado o facto de certo numero de officiaes, e principalmente os mais jovens da classe, encherem as academias civis em busca de titulos scientificos ou de conhecimentos que os habilitem a outras profissões.

Diz-se mesmo que mal deixam os bancos do Realengo, os noveis officiaes, em decisao imediata, que indica premeditação, se transferem para os amphitheatros das academias civis sem a menor perda de tempo.

Esse phenomeno tem tido tal repercussão que, segundo nos consta, despertou nos annos anteriores a attenção dos Srs. Ministro da Guerra e Commandante da Escola Militar.

Aos espiritos desprevenidos pôde, á primeira vista, haver ahi indicio salutar, graças á louvavel aspiração de accrescer os conhecimentos pessoaes.

Mas para quem attentar nas causas e effeitos de phenomenos, ressaltará justamente uma significação opposta. Antes de ser um bem, tal aían por novos estudos constitue um mal de natureza grave para o Exercito.

Em primeiro logar, elle deixa perceber ausencia de ardor e de fé dos officiaes neophytes na profissão que escolheram. E essa descrença é mais lastimavel quando se verifica que ella não provém dos dissabores e vicissitudes provadas em tirocinio longo e, ao contrario, parece filha do desamor ou do pouco apreço que os ingressantes revelam pela instituição armada. Pouco se lhes dá o que esta é ou venha ser, contanto que lhes sirva de vehiculo economico — **em carona** — para attingir objectivos mais commodos e proprias mais rendozaas.

O numero dos desviados não é grande, nem constitue maioria felizmente. Ainda é consideravel a massa dos jovens tenentes e aspirantes que traspõem os humbraes dos quarteis cheios de fé e de ardor, como verdadeira seiva renovadora do organismo; porém, para que o exemplo mau não fructifique urge combatel-o, chamando ao bom caminho os transviados.

Allega-se, muitas vezes, que dessa pratica não poderá haver mal desde que o official satisfaça as suas obrigações militares. E' o que não comprehendemos nem aceitamos. A nossa profissão, qualquer que seja a esphera de encargos — nos quarteis ou nos estados maiores — exige, para ser bem cumprida, uma **dedicação inteira** ao serviço e impõe um exclusivismo absoluto a qualquer actividade não militar. Como admittir um capitão que deve viver para a sua companhia, bateria ou esquadrão, e cujas vinte e quatro horas mal chegam para a sua tarefa de administrador e de instructor, possa ainda ser medico ou advogado? Que o tenente, cujas horas de lazer são escassas para a instrucção e para o aperfeiçoamento profissional, tenha tempo para frequentar academias ou para empenhar-se em estudos profundos e absorventes de medicina ou engenharia?

Que um alumno de escola ou official de estado maior, onde os problemas militares, por não terem solução definitiva, impõem ao espirito uma gymnastica ininterrupta, tenha tempo para as mesmas occupações extranhas?

Sinceramente, não comprehendemos como se poderá "chupar canna e assoviar" simultaneamente.

Alguem tem que soffrer e é preciso que não seja a esphera de attribuições militares.

* * *

O remedio está na Escola Militar, nos corpos e repartições. E é therapeutica comezinha.

A' Escola Militar cabe crear e despertar, nos jovens officiaes, pelo trabalho, pelo exemplo e pela pregação, o sentimento da responsabilidade e a dedicação inteira ao Exercito. Os edificantes esforços desenvolvidos pelos chefes e instrutores, principalmente nos ultimos tempos, no sentido da emulação e do interesse pelas cousas da profissão, ainda não produziram todos os resultados desejados. Ha, talvez, alguma cousa por fazer e continuar para que os aspirantes tragam de lá essa "chama de entusiasmo", o "panache" inseparável dos serviços tocados pela fé nos destinos da sua profissão.

Nos corpos e repartições ha que continuar o esforço da Escola. Trabalho, exemplo, pregação. Mas acima de tudo ahi ha lugar para novo medicamento — o estimulo. O desinteresse no trabalho dos verdadeiros soldados tem o seu limite ou deve ser bem compreendido.

Quem quer que trabalhe rejubila-se com os fructos da seara laborada. Não vae nisso ambição, desregrada, mas um sentimento humano e mesmo louvavel de aperfeiçoamento da propria condição. E os fructos desses esforços só podem sazonar graças ao julgamento inflexivel dos chefes e ao reconhecimento publico do **bom ou mau trabalhador**. A "separação do joio do trigo" constitue a verdadeira mola do estimulo.

Desde que os jovens officiaes sejam atraídos pela ambição legitima de ver os seus esforços reconhecidos e recompensados; desde que suas responsabilidades sejam bem definidas e apuradas, não se sentirão com coragem, como não lhes sobrará tempo, para entregar-se a outras actividades.

Vem a pelo lembrar palavras do General Tanant no livro *Officier de France* (ed. de La Renaissance do livre):

Tendes a escolher entre duas soluções: ou encarareis a profissão militar como um negocio em que tereis pouco lucro e em que dispenderveis somente o trabalho proporcional á remuneração recebida. Sereis, então, funcionario do Estado, assalariados de pequeno rendimento; em vosso íntimo, vos julgaríeis lastimaveis; e para os vosso soldados sereis meros comitres.

Ou, então, considerareis a carreira militar como um apostolado e um sacerdocio. Não pesareis nem o soldo nem as horas de trabalho. Estareis sempre na brecha e a vossa dedicação será completa. Sereis para a Pátria dos melhores entre os mais devotados servidores; tereis em paz a consciencia; sereis para os soldados seus educadores, seus chefes e exemplos.

Escolhei! no primeiro caso, a profissão militar é abjecta e vil. E' mister de indolentes e de insconscientes. No segundo caso, ella é a mais bella das carreiras, aquella em que dominam a abençoação, o devotamento, a honra... e a fé!"

A DEFENSIVA

Pelo Ten. Cel. H. PANCHAUD

Director de Estudos da E. A. O.

Nota da redacção — Iniciamos hoje a publicação do estudo sobre a A DEFENSIVA que o Sr. Ten. Cel. Panchaud desenvolveu na Escola Militar, no anno de 1928, quando "Director do Ensino Táctico" daquelle estabelecimento militar.

E' um trabalho eminentemente didáctico para tornar comprehensível aos alunos do 3º anno de todas as armas, na aula de Táctica Geral, a teoria e a prática da defensiva, o que justifica, como diz o próprio autor, a forma propositadamente esquemática de alguns dos seus pontos. Nelle se encontra também o objectivo de expôr aos referidos alunos a concepção, o preparo e a execução do combate defensivo com o desenvolvimento methodico do raciocínio, decisão e ordens de um Cmt. de Dest. e dos seus subordinados Cmts. dos elementos de infantaria, cavalaria e artilharia, inclusive dos das pequenas unidades.

Esse estudo, feito primeiramente em sala pelo Sr. Ten. Cel. Panchaud, auxiliado pelo Sr. Maj. Álvaro Fiúza de Castro, então Cap. adjunto do ensino táctico, foi em seguida, também sob a sua direcção, executado no terreno, no âmbito das pequenas unidades, pelos officiaes instructores e alunos da Escola Militar.

E', pois, com prazer, que o oferecemos aos nossos camaradas de todas as escolas e da tropa.

I — A defesa consiste na manutenção de posse de certa parte de terreno, a qual se decidiu conservar para aí quebrar, pelo fogo, toda tentativa de avanço do adversário.

Pode-se tomar attitude defensiva, quer preventivamente — é a batalha francamente defensiva, que induz à organização de uma, ou várias, posições de resistência —, quer temporariamente, no decurso de um combate offensivo. No segundo caso, a attitude defensiva se reduz à manutenção da linha alcançada pelo escalão de fogo, que estabelece rapidamente uma cortina de fogo, continua, o mais densa que for possível, e a organização, na rectaguarda, pelas reservas e pelos elementos da base do fogo, de uma outra linha destinada: — a recolher o escalão de fogo caso venha a ser repelido e a aparar qualquer contra-ataque inimigo.

A offensiva é reiniciada logo que as circunstâncias permittam.

II — No primeiro caso, — combate francamente defensivo — a operação se caracteriza pela organização de uma ou várias posições, chamadas "Posição de resistência" e cujo valor reside na existência de uma rede completa e profunda de fogos poderosos, na frente e no proprio interior da posição ocupada, em estreita combinação com uma organização do terreno, tão desenvolvida quanto for possível.

Cada "Posição de Resistência" organizada comprehende, sempre:

Uma linha principal de resistência; eventualmente:

Uma linha de apoio; sempre:

Uma linha de deter.

Na frente, é coberta por uma posição de postos avançados (P. A.), que comprehende: sempre:

Uma linha de vigilância (Pequenos postos — Sentinelas-Patrulhas); eventualmente:

Uma linha de combate, constituída por pontos de apoio próximos uns dos outros, capazes de fornecer uma barragem contínua de fogos, ou por pontos de apoio isolados, capazes de deter temporariamente o inimigo ou, ao menos, de canalizar seus ataques.

Reposa a força da defesa, principalmente, no emprego do fogo; eventualmente e si as circunstâncias permittirem, na acção das reservas, executando contra-ataques.

III — O FOGO NA DEFENSIVA — A palavra defesa desperta imediatamente, no subconsciente de todo militar, as tres idéias seguintes:

Barragem de fogo
Immobilidade relativa
Sistema organizado preventivamente

a) — Barragem de fogo — A concepção de uma barragem de fogo implica, forçosamente, na continuidade das partes do terreno, previamente determinado, batido e razado por uma densidade suficiente de projectis, que é obtida por tiros rápidos e concentrados.

b) Immobilidade — A immobilidade, indispensável ao artilheiro, permite, quando empregada pelo infante, o desenvolvimento máximo da potencia de suas armas de fogo.

Ficar imóvel, quer dizer invencível, o que indica, na defensiva, o signal da victoria.

c) — Organização preventiva — O arranjo preventivo do sistema defensivo dá um accrescimo de forças, pois permite organizar os fogos, combinando-os previamente e evitando, assim, os perigos das falhas decorrentes da improvisação.

Dahi resulta que, na concepção, na preparação e na conducta do combate defensivo, tudo deve ser subordinado á optima realização da maior potencia e da efficacia dos fogos.

A escolha da posição, o preparo do terreno, o dispositivo das tropas, são resultantes do "plano de fogo".

IV — O PLANO DE FOGO NA DEFENSIVA — O fim do combate defensivo resume-se em bater o inimigo, impedindo-o de avançar.

O fogo constitue o recurso essencial do defensor contra o assaltante. O objectivo essencial da defesa é crear uma rēde continua, completa e profunda de fogos poderosos, em cujas malhas será detido o inimigo, mais cedo ou mais tarde, ainda que consiga quebral-a em alguns pontos.

Donde, o plano de fogo comporta, na posição de resistencia:

a) a organização, na frente da linha principal de resistencia, de uma barragem de fogo, o mais densa e profunda que fôr possível, obtida pela concentração do fogo da maioria dos meios da defesa, tanto de infantaria, como de artilharia. E' a barragem principal, rigorosamente continua.

b) a creaçāo de barragens secundarias, no interior da posição, estabelecidas na frente das linhas transversaes que o terreno offerecer e que permitem fechar pelo fogo (enjaular) compartimentos de terreno, limitando por esse modo qualquer avanço eventual do inimigo.

c) a constituição, á retaguarda da posição e á frente da linha de deter, de uma ultima barragem, barragem de deter, estabelecida com a maior continuidade possível.

Na posição dos P. A., o plano de fogo também comporta:

a) a organização de uma barragem de fogos de infantaria e de artilharia, tão densa quanto possível, muitas vezes continua, quando a posição dos P. A. fôr constituída por P. P. juntos; outras vezes descontinua quando a posição dos P. A. é constituída por P. P. isolados.

b) mais longe ainda, na frente da linha de vigilancia dos P. A., tiros de deter desencadeados por meio de concentrações previstas e organizadas.

Emfim, na frente ou no interior do dispositivo inimigo: fogos de inquietação, de contra-preparação, de contra-bateria, desencadeados principalmente pela artilharia e, si possível, pelas metralhadoras dos P. A.

Taes são as diversas barragens que o "plano de fogo" deve comportar. Mas, desde que se trate de resolver um caso concreto e de realizar esse "plano de fogo" em um determinado terreno, a primeira e mais importante das questões a solucionar é a que dá a localização dos fogos, isto é, a determinação da faixa de terreno em que devem cahir os tiros e até onde devem estender-se as barragens.

A localização dos fogos (determinação das partes batidas) constitue a propria essencia do plano de fogo e da qual se origina todo o restante.

Compete ao Commando fixal-o em suas ordens com sufficiente precisão. Na defensiva, localizar as zonas de barragem é, para o chefe, exprimir sua idéa de manobra.

Logo que os fogos tenham sido adaptados, do melhor modo possível, ao terreno, cumpre decidir quando e como serão executados. Torna-se necessário pois que o chefe regule o modo de desencadeamento dos diferentes tiros e seus regimes, principalmente no que concerne á bar-

regem principal. E' necessario, entretanto, notar que esses tiros, em geral, se executam no meio da fumaça e, muitas vezes, á noite, ou com nevoeiro; em consequencia, só produzirão efecto efficaz quando o seu desencadeamento fôr automaticamente organizado.

Finalmente, é preciso detalhar a execução, isto é, regular o dispositivo das tropas para o tiro. E' evidente que o efectivo de infantaria a localizar, em uma certa zona, e o numero de Bias. que deverão atirar, nesta mesma zona, dependem essencialmente da densidade de fogos que o chefe quer obter na barragem principal. Do mesmo modo, os limites de quarteirões dos Btls. I. serão função dos compartimentos do terreno e a densidade de fogos que deseja obter em cada um destes compartimentos. Por ultimo, é necessário que os fogos sejam escalonados em profundidade e permittam, de um lado, as barragens no interior da posição e, por outro lado, os tiros na linha de deter.

E' portanto, condição essencial o dispositivo resultar do plano de fogo e não o inverso. Donde, constitue falta grave e injustificável repartir a priori as unidades no terreno e só, após, executar a organização de seus fogos. E' necessário, ao contrario, primeiramente determinar a quantidade de fogos que se deseja obter na frente, no interior e á retaguarda da posição a defender, as zonas do terreno onde devião ser empregados estes fogos, para então deduzir a localização dos efectivos disponíveis, ou melhor o dispositivo.

V — REFORÇO DOS FOGOS — Estabelecido o plano de fogo, tendo o chefe determinado onde deve atirar, quando atirará e quem atirará, torna-se ainda preciso aproveitar o maximo rendimento possivel destes fogos. Este reforço dos fogos se obtém por dois processos:

— o flanqueamento

— as concentrações

a) — *Flanqueamento* — Todos já sabem o que é o flanqueamento e como melhora o rendimento e a potencia dos fogos, desde que possa ser empregado.

E' sempre muito facil traçar, em um esboço ou carta, uma flecha, estheticamente disposta, que indique um flanqueamento previsto. Infelizmente, na pratica, sobre o terreno, as cousas se passam de outra maneira e muitas vezes torna-se bastante difficult realizar o flanqueamento.

Naturalmente, é necessário executá-lo, sempre que fôr possível; porém, quando o terreno não permite, devem empregar-se todos os recursos para se obter uma continuidade de fogos, combinando os seguintes processos:

— cruzamento dos sectores de fogos em largura;

— emprego das acções de flanco, escarpa e enfiada;

b) — *Concentração de fogos* — E' logico que o defensor utilise, para um determinado resultado, o maximo de fogos disponíveis ou mesmo, si possível, a totalidade. O sistema de fogos e o dispositivo resultante devem, portanto, ser concebidos e realizados no terreno de forma a permitir, em qualquer momento, a concentração dos fogos da maioria das armas automaticas de

pontaria estavel (mtrs.), susceptiveis de agir no mesmo compartimento de terreno.

Donde, convem organizar as concentrações pela convergencia das balas provenientes das mtrs. susceptiveis de atirar em uma zona escondida, quaesquer que sejam suas posições no dispositivo.

Toda a arma automatica recebe: uma missão principal, correspondente á sua acção na rea-lização da barragem principal, na frente da posição; e missões eventuaes, correspondentes a concentrações previstas, quer na frente, quer no interior da posição. Para a execução dessas missões (principal e eventual), torna-se logico concluir que uma mesma arma automatica deverá preparar e organizar uma ou varias posições de tiro, proximas umas das outras, e que satisfaçam estas diferentes missões.

A vantagem das concentrações é fornecer fogos mais nutritos e principalmente assegurar a execução de fogos, em um mesmo ponto, não por uma só arma que pode ser destruida ou neutralizada, mas por varias armas dispersadas no terreno, de forma que não possam ser postas todas fóra de combate ao mesmo tempo.

VI — REFORÇO DA DEFESA — O reforço da defesa pôde ser obtido:

a) — *Por efecto da surpresa* — A surpresa não é, effectivamente, apanago exclusivo da ofensiva. Revelando, sómente, no ultimo momento a existencia de seus orgãos de fogo, escolhendo a zona de barragem principal de forma a desencadear tiros sómente quando o inimigo se engaja na zona de barragem, o defensor pôde beneficiar-se pela surpresa. Exemplo: o ataque allemão de 15 de Julho de 1918 na frente do IV Exercito Francez.

b) — *Pela utilização e a creação de obstaculos* — Todos conhecem os obstaculos do campo de batalha e o mais commum e o mais efficaz, dentre elles, é a rede de arame; mas é preciso não esquecer que um obstaculo perde todo o seu valor quando não é batido pelos fogos da defesa. E' aqui o momento de nos lembrarmos que uma rede de arame precisa satisfazer a determinadas condições. Na frente de uma posição, não deve ser estabelecida ao azar e sim em uma direcção tal que suas diferentes partes sejam efficazmente batidas pelos fogos da defesa. Em consequencia, essas diferentes partes devem ser paralelas ás direcções de tiro das armas da defesa, e não paralelas á linha de trincheiras.

c) — *Pela completa adaptação dos fogos ao terreno* — Todos os chefes, e principalmente os de infantaria, devem saber que um plano de fogo não se verifica em um esboço, mas constatando-se no terreno, para cada arma, successivamente, suas possibilidades effectivas de tiro. Com relação aos fogos de infantaria, o terreno é sempre quem commanda e nada se pôde, em detalhe, prescrever sem prévia verificação das possibilidades, no proprio terreno.

d) — *Pela utilização do terreno e sua organização* — Parece inutil desenvolver esta prescrição. Todos sabem que a utilização do terreno e a organização de trincheiras e abrigos, asseguram a protecção dos orgãos de fogo. Mas, para que esta protecção seja suficiente, torna-se necessário que todos os orgãos de fogo sejam

enterrados, potegidos em seus flancos e cobertos (para-dorso) á sua retaguarda. E' tambem necessário que os desaterros effectuados sejam tão invisiveis, quanto possivel, porque é melhor localizar uma mtr. em campo raso, em uma escavação de projectil, onde haja possibilidade de se cobrir e disfarçar, do que localizada em uma organização visivel, onde poderá ser rapidamente destruida. A invisibilidade de um orgão de fogo é a melhor protecção que se lhe pôde dar e, por isso, convem separal-o tanto quanto possível das trincheiras que são, geralmente, difficéis de disfarçar.

A organização do terreno deve, em consequencia, suceder á collocação em posição dos orgãos de fogo e, não, precedel-a.

Impõe-se escolher, com cuidado, a localização de cada arma, no terreno, de forma que possa cumprir sua missão na barragem de fogos e, em seguida, executar as obras para sua organização.

e) *Pelo emprego das reservas* — Quasquer que sejam as precauções tomadas, a potencia dos fogos organizados, o valor da organização do terreno, acontecerá muitas vezes que o sistema defensivo estabelecido se disagregará progressivamente sob a acção dos fogos do adversario.

Donde surge a necessidade de utilizar as reservas para alentar o combate e manter a capacidade e a potencia de fogo do dispositivo defensivo adoptado.

Para tal fim deverá ser empregada uma parte importante das unidades em reserva, e as grandes batalhas defensivas da guerra 1914-1918, principalmente a penosa luta de Verdun, vem acrescentar e corroborar esta opinião.

Mas isso acontece sómente quando se trata de resistir a um inimigo disposto de meios em pessoal e material muito superiores áquelles do defensor.

Em geral e contra um inimigo pouco superior as unidades de reserva são empregadas para executar os contra-ataques:

quer immediatos, executados por fracções de reserva das unidades da primeira linha (pelotões - companhias) e desencadeados automaticamente, antes que o inimigo tenha tempo de se aferrar ao terreno;

quer preparados, executados pelas tropas em reserva (campanhias, batalhões), desencadeados sob as ordens do commando, preparados e apoiados pelos fogos da infantaria e da artilleria.

VII — CONCLUSÃO — Eis ahí, rapidamente resumidos, os principaes preceitos que devem ser conhecidos, antes de iniciar o estudo da organização de uma posição defensiva. Os actuaes regulamentos são ainda muito vagos sobre estes pontos: — fixam a denominação das diversas posições, falam em pontos de apoio e centros de resistencia, insistem quanto á importancia defensiva dos fogos, mas não indicam um processo pratico para a realização da potencia do fogo.

O processo pratico, que acabamos de examinar, é inteiramente baseado na determinação no terreno de barragens de fogos sucessivas, em sua densidade, no dispositivo das unidades en-

carregadas de effectuar-as, na regulação preventiva do seu desencadeamento.

Procuraremos esclarecer e simplificar a comprehensão destes dados theóricos com o caso concreto que, em seguida, estudaremos.

* * *

THEMA (*)

Carta da Villa Militar - 1/20.000

SITUAÇÃO GERAL — Um forte Dest. vermelho (cerca de uma D. I.), que procurava se opor ao avanço de elementos do Exército azul para a Capital, foi batido, cortado da Capital e forçado a se retirar para O. Sob a pressão do inimigo, os vermelhos dirigem-se para a região: Santa Cruz-Pedra-Sepetiba, onde esperam se reconstituir, recebendo reforços, munição e material, por via marítima. Para isso, cobrem a zona de estacionamento com Dests. de C. apoiados por I. montada, os quais são encarregados de barrar o desfiladeiro entre as serras de Gericinó e do Barata, na altura da Campo Grande.

Um Dest. azul, de persiguição, sob as ordens do Gen. Cmt. da 1^a Bda. I. e com a seguinte composição:

- 1º R. C. D. (menos 1 Esq.)
- 1º G. B. C. (10º, 11º e 12º B. C.)
- 1º R. I.
- 1º R. A. M.
- 1º G. A. Mth.
- I 1º R. A. P. (155 c.)
- 1 Cia. Sap. Min. | 1º B. E.

consegue desembocar na região de Anchieta e repellir o inimigo do massivo arborizado que se estende entre Anchieta e Realengo. Este Dest. se acha a varias jornadas na frente do grosso das tropas azuis, retardado em seu avanço.

O Gen. Cmt. da 1^a. Bda. I. recebe ordem para se estabelecer em uma posição defensiva, afim de permitir o desembocar ulterior do grosso das forças azuis, em direcção de Bangú-Campo Grande-Santa Cruz.

SITUAÇÃO PARTICULAR — Em seu avanço, a Vg. do Dest. de persiguição repelliu facilmente os elementos de C. inimiga, encarregados de retardá-la, e no dia 31 de Julho mantém com sua propria C. as orlas O. e S. de Villa Nova e orlas O. de Realengo, em contacto com a C. inimiga que ainda conserva a posse da linha: Capão Redondo-Col. da Torre-Mº S. Bento -orlas E. de Bangú.

* * *

ACÇÃO DO GEN. CMT. DO DEST.

Na tarde deste mesmo dia, o Gen. Cmt. do Dest. transmite a seguinte ordem:

1º D. I.

Dest. . .

Nº...

Anchieta, 31 (trinta e um) de Julho ás 13 (treze) horas.

Ordem particular nº 1
(Ao Cmt. da Vg.)

(*) Em virtude das dificuldades de impressão, reduzimos o numero dos calcos que acompanham este trabalho, encontrando os nossos leitores, em consequência, num mesmo calco, situações correspondentes a varias ordens.

I — O inimigo ainda mantém, com sua C., as alturas a O. do Campo de Gericinó.

II — O Dest. sob meu commando, recebeu ordem para cessar a persiguição e se estabelecer defensivamente.

III — É indispensável, para o estabelecimento desta posição, que o Campo de Gericinó se ache inteiramente em nosso poder e que nossa vigilância se estenda até as suas saídas N. O. (Cemiterio-Heron).

III — Em consequencia, o Cmt. da Vg., dispondo dos: 1º R. C. D. (2 Esq. e Pel. Mtr. L.) e do 12º B. C., atacará e repellirá o inimigo sufficientemente para O., afim de que os P. A. do Dest. possam ser estabelecidos, esta tarde, na linha geral Col. do Trem-Capão Redondo-Col. da Torre-Villa Nova-Realengo.

V — P. C. do Cmt. do Dest. em Anchieta (Intend.)

P. C. do Cmt. da Vg. no Mº do Periquito.

a) Gen. X....

Cmt. do Dest.

Estabelecida esta ordem, preparatoria para a instalação do Dest., de acordo com a nova missão que lhe foi affecta, vejamos como raciocina o seu Cmt. para a fixação de suas decisões e confecção da ordem geral.

DISCUSSÃO

I — **SITUAÇÃO** — A situação é simples. O inimigo retira-se e um Dest. de todas as armas, encarregado de perseguí-lo, consegue cortá-lo da Capital e repellil-o para O. Em seu avanço, o Dest. adianta-se varios dias á frente do grosso a que pertence; o Cmt. desse grosso, retardado em avanço, pelas difficuldades do terreno, quer assegurar a possibilidade de desembocar a O. de Anchieta, afim de poder, segundo as circunstancias, quer se engajar em persiguição do inimigo nos desfiladeiros entre Bangú e Santa Cruz, quer para se oppor a um retorno offensivo do adversario, cortando-o da Capital na linha Anchieta-Deodoro.

Em consequencia, transmite ao Cmt. do Dest. ordem para se estabelecer em uma posição defensiva que assegure a posse dessas saídas, tornando assim possível sua manobra ulterior.

II — **MISSÃO** — Estabelecer-se na região a S. O. de Anchieta, afim de permitir o desembocar ulterior do grosso e, em consequencia, se oppor a quaesquer ataques inimigos, mantendo a posse do terreno até a chegada deste grosso.

Donde é necessário escolher uma posição de defesa a S. O. de Anchieta e á distancia suficiente desta localidade, para que o grosso disponha de bastante espaço para sua manobra; em seguida, torna-se preciso organizar e manter essa posição.

III — **TERRENO** — A região que se estende entre Anchieta e as saídas O. de Bangú apresenta-se nitidamente dividida em duas zonas: uma, fortemente ondulada e coberta de macega, imediatamente a S. O. de Anchieta; outra, mais plana, menos arborizada e ainda bastante cortada, ao N. de Realengo-Bangú. O limite entre estas duas zonas é fixado pela linha: orla N. E. do Campo de Gericinó-alturas

Engº Novo-Monte Alegre-Mº do Jacques-alturas arborisadas a S. E. de Villa Militar.

Estas duas zonas offerecem uma serie de posicoes nas quaes é possivel installar o Dest.. Estas posicoes são:

a) *Bananal - Nascimento - Ricardo de Albuquerque* — Tem o inconveniente de se achar muito proxima de Anchieta e não dar ao grosso o espaço necessario para desembocar e manobrar.

b) *Faz. do Bananal - Mº da Boa Vista - Dendê - Invernada - Capim* — Si bem que ainda proxima de Anchieta, offerece a vantagem de fornecer vistos sufficientes e campo de tiro satisfactorio, principalmente na regiao de Boa Vista, por um lado, e Invernada-Capim, por outro lado; ainda mais, as organizações, que deverão ser construidas, serão ahi pouco visiveis dos observatorios inimigos. Entretanto, apresenta o inconveniente de fornecer pouco campo visual para as sahidas E. de Bangú e, sobretudo, caso o inimigo retorne á offensiva, lhe permitirá tomar pé na regiao arborizada, forçando assim o grosso a engajar penosos combates para limpar o terreno, antes de avançar sobre Santa Cruz.

c) *Mº do Engº Novo - Periquito - Faz. Engº Novo - Monte Alegre* — É uma boa posição. Offerece excellentes observatorios para os provaveis locaes de sahida do inimigo. Permitte um campo de tiro sufficiente, na parte S.; porém, um pouco estreito na parte N.. As organizações a construir poderão ser facilmente disfarçadas, o que se torna indispensavel porque toda a posição é vista e dominada pelos observatorios do Mº do Retiro.

d) *Orlas N. E. do Campo de Instrução - Cota 30 (O. de Faz. Engº Novo) - Cota 60 - Caixa d'Agua - Alturas S. de Villa Militar* — Esta posição tem a vantagem de offerecer, em sua generalidade, campos de tiro mais do que sufficientes; acha-se á orla da zona arborizada e, portanto, interdicta ao inimigo a sua posse. Fornece excellentes observatorios, quer avançados, nas alturas de Faz. Engº Novo — Cota 60 — Caixa d'Agua, quer á retaguarda, nas alturas de Periquito - Monte Alegre - Col. Longa. Offerece amplitude sufficiente para permitir uma boa instalação em profundidade das unidades em primeiro escalão; apoia-se em uma linha de alturas, onde as armas automaticas estaveis podem encontrar posicoes que lhes facultem as accões á distancia.

Entretanto, apresenta o inconveniente de ser muito visivel dos observatorios inimigos.

e) *Col. do Trem - Capão Redondo - Col. da Torre - Cota 40 (Mangueira) - Villa Nova - Alturas a E. de Realengo* — Posição formada de pontos de apoio distantes uns dos outros e sem profundidade; apenas offerece vistos approximadas, sem observatorios com vistos á distancia. Terreno descoberto á retaguarda, no qual todo o movimento poderá ser visto e irrealizável, caso o inimigo venha a se installar nas sahidas E. da Serra de Gericinó. Ligações dificeis e, finalmente, frente muito grande (cerca de 9 kms.).

Si o inimigo não atacar, nada se alterará; mas, se elle atacar?

Conclusao — O Cmt. do Dest. tem, para escolher, cinco posicoes. Por qual vae decidir-se?

IV — INIMIGO — O inimigo foi batido; suas forças (cerca de uma D. I.) se retiram, mas não derrotadas, pois sua C. mantem o contacto e constantemente se oppõe ao avanço de nossa Vg.. Presentemente, o contacto ainda é mantido na frente. Cota 60 (O. de Col. da Torre) — Mº de S. Bento - Bangú; fortes elementos ainda são mantidos nas alturas de Campo Grande e a sua retirada para Santa Cruz visa receber reforços de toda a natureza.

Pôde-se, portanto, concluir que elle tem intenção de retomar a offensiva, desde que seus recursos o permittam. Por outro lado, o grosso das forças azuis só poderá chegar após varios dias; donde, torna-se possivel, e mesmo provavel, que o Dest.. tenha que se bater isoladamente contra o adversario, provavelmente superior em numero.

De onde poderá vir o ataque adverso?

E' evidente que a direcção normal é a Estr. Real de Santa Cruz e as sahidas N. O. de Bangú. E' contra esta direcção que, principalmente, se torna necessário installar a defesa.

Mas o inimigo poderá tambem se dirigir pelo N. da Serra do Quitungo e surgir na regiao Mº do Retiro-Col. do Cemiterio.

Finalmente, poderá ainda se infiltrar ao S. de Bangú e de Realengo, utilizando as passagens N. de Serra do Barata e progredir na direcção Realengo-Portugal Pequeno.

Estas são as tres direcções perigosas, contra as quaes o Cmt. do Dest. deverá se premunir; sendo, ainda, a ultima menos provavel que as duas outras.

Conclusao — A maior parte dos recursos do Dest. deverá ser empregada frente a S. O. e frente a O.; a direcção do S. poderá ser mantida com fracos recursos.

V — RECURSOS — O Cmt. do Dest. dispõe de:

- 1 G. B. B. (3 B. C.)
- 1 R. I.
- 4 G. de 75
- 1 G. de 155 c.
- 3 Esq. e 1 Pel. Mtr. L. de C.
- 1 Cia. Sap. Min.

a) Deverá constituir uma forte reserva?

Não, o combatte a manter apenas durará alguns dias; pois, no fim deste tempo, será apoiado. Donde, é preciso dar á posição a maxima potencia de fogo.

Dispondo o Cmt. do Dest. de 6 Btls., apenas deverá conservar um para os imprevistos; além disso, toda a A. se installará em posição de tiro.

b) Deverá empregar sua C. para a manutenção da frente?

Em principio, não; a C. terá por missão a conservação dos contactos, na frente da posição, com a C. inimiga e ainda a cobertura dos flancos. Em seguida, desde que seja engajado o combate, a C. se deverá reunir e constituir uma reserva disponivel, para ser empregada de acordo com as circumstancias.

- c) Restam 5 Btls. I. para a ocupação e manutenção do terreno. E estes 5 Btls. deverão:
- ocupar a linha principal de resistência e crear uma barragem de fogos poderosa e continua na frente da mesma linha;
 - fornecer e manter os P. A.;
 - ocupar uma linha de deter, á retaguarda da linha principal;
 - eventualmente, ocupar uma linha de apoio.

Sendo dado estes recursos, a frente da posição não deverá exceder de 7 kms. (no maximo, 1.500 ms. por Btl.) e ainda, tendo-se em conta que a resistência a oppor terá duração limitada, o commando poderá apenas organizar:

- uma linha de resistência
- uma linha de deter

e, no que concerne ao conjunto da posição de P. A., não organizá-la continua, mas sim constituída por nucleos de fogos encarregados de deter momentaneamente o inimigo e deslocar seu ataque.

VI — CONCLUSÃO — O raciocínio acima conduz o Cmt. do Dest. a fixar suas decisões, isto é:

- estabelecer uma linha principal de resistência na orla do massiço arborizado á S. O. de Anchieta, que dará ao grosso o espaço necessário para desembocar (execução da missão e barragem de fogos suficiente);
- suprimir a linha de apoio;
- estabelecer sua linha de deter nas alturas imediatamente á rectaguarda (bons observatórios)
- localizar, em posição, toda sua A. e quasi totalidade de sua I. (5 Btls. dos 6 disponíveis);
- prever barragens interiores que permitam fazer frente á O. e mesmo a N. O., direcções mais prováveis de ataque;
- localizar o maximo de seus recursos, frente a estas direcções e admittir o retrahimento eventual de sua esquerda, caso seja fortemente atacada, o que parece pouco provável;
- renunciar aos P. A. uma linha continua.

São estas as conclusões, que constituem o *fundamento das ordens consequentes*.

Antes, porém, vejamos qual a *forma* a que devem ser adaptadas estas ordens.

VII — A FORMA

Em uma situação defensiva, o commando tem muito em que pensar e dizer.

E' preciso que elle fixe não só as linhas de resistência, as reservas e os P. A., como ainda, e principalmente, as zonas de terreno onde quer que os fogos da defesa detenham o inimigo; esta ultima é condição primordial e indispensável na defensiva. E' pela concretização, no terreno, das zonas batidas pelo fogo, que o commando esclarece aos executantes sua idéa de manobra, sua vontade e os guia na execução de suas respectivas missões.

Explicar tudo em uma ordem escripta, complica o problema, tornando-a volumosa e quasi sempre pouco explicita. Donde, o unico recurso a empregar para tornal-a curta e rapidamente apprehensível é utilizar o caleo. O caleo, na ordem que discutimos, torna claro o pen-

samento do chefe e fixa com precisão a missão dos executantes.

O traçado da linha principal de resistência e a profundidade da barragem principal indicam aos executantes o minimo que é preciso realizar.

O traçado das barragens interiores e o da linha de deter indicam a manobra a executar no caso em que uma parte da linha principal de resistência venha a cair nas mãos do adversario. Retraimento frente a N. O., caso seja forçada a direita; restabelecimento frente a O., caso sejam tomadas a Cota 60 e a Faz. Engº. Novo, manobrando em retrahimento á esquerda em presença de um ataque superior em numero.

O traçado dos limites entre o R. I. e o G. B. C. fornecem, tanto quanto possível, a cada um delles, um determinado compartimento de terreno nitidamente definido e uma frente tendo a mesma orientação geral.

A missão das unidades deve ser simples: resistir na primeira linha e manter, quaesquer que sejam as circunstancias, a linha de deter. Em caso de desastre e em ultima analyse, a frente Boa Vista-Periquito-Monte Alegre-Capim deverá ser mantida e sua conservação ainda assegurará a execução da missão do Dest..

A missão da C. corresponde á procura de informações — cobertura dos flancos — reserva á disposição do commando.

A repartição da A. deve indicar de modo simples e claro a constituição dos diferentes elementos que devem ser empregados em apoio directo e em acção de conjunto. Restará, assim, o estudo em ordem especial das particularidades relativas á organização de toda a A. e principalmente á preparação e o mecanismo de seus diferentes tiros.

Esta ordem deverá ser dada pelo Cel Cmt. do 1º R. A. M., após entendimentos com os Cmts. de R. I. e G. B. C., em relação aos tiros pedidos pela I..

A missão da E. é simples: executar trabalhos especiais, fornecer material, melhorar as comunicações.

Finalmente, o Cmt. do Dest. deve fixar os P. C. dos diferentes chefes que lhe são directamente subordinados, as evacuações e os reabastecimentos, os locaes de estacionamento das reservas, T. C. e T. E..

Depois de haver feito o seu raciocínio e fixado, em seguida, as suas decisões, o Gen Cmt. do Dest. dá, em consequencia, a seguinte ordem:

1º D. I.	P. C. em Anchieta, 31 (trinta e
Dest. ...	um) de Julho, ás 15 (quinze)
Nº ...	horas.
	Carta da Villa Militar

1|20.000

*Ordem geral de operações
(Instalação defensiva)*

1ª PARTE

I — SITUAÇÃO GERAL

A — Informações sobre o inimigo — O inimigo se retira na direcção geral de Campo Grande-Santa Cruz e suas Rgs. de Cav. ainda mantém a posse das saídas do desfiladeiro O. de Bangú, na linha geral Col. do Trem-S. Bento-Bangú.

B — Informações sobre a tropa amiga — A Vg. do Dest. recebeu ordem de repelir a Cav. inimiga e se apoiar da linha Col. do Trem-Capão Redondo-Col. da Torre-Villa Nova-Realengo.

II — MISSÃO DO DEST.

O Dest. vai deter o seu avanço e se organizar defensivamente, afim de:

1º) se oppôr a quaisquer retornos offensivos do inimigo;

2º) assegurar o desembocar do grosso da D. I., em direcção á S. O.

III — IDEIA DE MANOBRA

E' minha intenção deter o inimigo no Campo de Gericinó, Villa Nova, região S. O. de Villa Militar e no Campo dos Affonsos.

Caso seja forçada a parte N. da região arborizada Col. Cabral-Faz. Bananal, restabeleceria esse lado do dispositivo com frente a N. O., e retrairei frente ao S. no caso de progressão inimiga na Villa Militar; mantendo, em quaisquer circunstâncias, a linha Boa Vista-M° Eng° Novo-Cotas gemaes-Monte Alegre-Jacques-Capim.

IV — POSIÇÕES

A — Posição de resistência

L. P. R. - vêr calco

L. D. - vêr calco

B — Posição de P. A.

L. V. - vêr calco

L. R. - vêr calco

C — Limites de sub-sectores - vêr calco

V — REPARTIÇÃO E MISSÕES

1º Infantaria

A — Posição de resistência

1º) O 1º G. B. C., no sub-sector N., assegurará a defesa da frente Col. Macegal-Cota 60 (N. de Villa Nova) e deverá deter o inimigo nessa frente ou, no mínimo, lhe interdictar a penetração na zona arborizada além da linha Faz. Eng° Novo-Periquito-Cabral.

2º) O 1º R. I. (menos 1 Btl.), dispondo de um Esq. e 1 Sec. Mtr. L. do 1º R. C. D., assegurará a defesa da frente cota 60 (N. de Villa Nova)-Faz. Monte Alegre-Villa Militar-Col. Cinco Mangueiras, podendo, em caso de um ataque vitorioso, retrair a sua esquerda e, nesse caso, a frente Monte Alegre-M° do Jacques-M° do Capim deverá ser mantida a todo o custo.

3º) O III/1º R. I. acantonará, até novas ordens, em Anchieta, (parte S.), em reserva do Dest. e deverá fazer reconhecimento para uma eventual ocupação da linha (vêr calco) M° do Eng° Novo-Boa Vista.

B — Postos avançados

1º) Os 1º G. B. C. e 1º R. I. fornecerão os P. A. nos seus sub-sectores.

2º) O 1º G. B. C. disporá de 1Pel./1º R. C. D. para reforçar a vigilância.

3º) Ao N. do Polygno de Tiro, os P. A. constituídos por pontos de apoio isolados, têm a missão de resistir em suas posições, retardando o avanço inimigo e deslocando seus ataques, e só se retrahindo ás ordens dos Cmts. de seus sub-sectores.

— A E. da linha Monte Alegre-Realengo, os P. A. têm a missão apenas de vigilância, retrahindo-se, á ordem do Cmt. de Sub-sector, em caso de ataque importante.

— Ligação, na L. V., entre o 1º G. B. C. e 1º R. C. D./nas vertentes S. da Col. do Cabral; entre o 1º G. B. C. e o 1º R. I. na cota 40 (700 ms. a O. de Villa Nova, na estrada S. Bento-Villa Nova)

2º Artilharia

A — Repartição — Toda a A do Dest. agirá sob as ordens do Cel. Cmt. do 1º R. A. M., repartindo-se em:

- apoio directo ao 1º G. B. C. - 2 G. A. de 75

- apoio directo ao 1º R. I. - 1 G. A. de 75

- ag. de conjunto - 1 G. A. de 75 e 1 G. A. P. (155c.)

B — Desdobramento — A A. de ap. directo deverá ser localizada em condições de poder atirar com 2/3 de suas Bias, até a linha geral (incl.) Col. do Heron-Col. do Cemiterio-Margem O. do Sarapunhy-sahidas O. de Bangú-sahidas S. O. de Realengo, e de agir, no mínimo, com 1/3 na frente da linha de deter.

— O Ag. de conj. agirá por superposição na frente do 1º G. B. C. e ao N. do Polygno de Tiro na frente do 1º R. I., e, eventualmente, na parte restante da frente deste R. I.

C — Limites da zona de acção normal — Ao N.: Col. do Heron-Col. da Barreira (incl.); a O: M° dos Coqueiros-Esporão da Cota 223-S. E. de Santíssimo (excl.); ao S: orlas S. E. de Realengo-Esporão de Caixa d'Agua (incl.)

D — Limites de zona de acção eventual - M° da Caixa d'Agua-M° dos Affonsos (incl.).

3º Cavallaria

A — O Cmt. do 1º R. C. D. deve destacar:

1º) Um Pel., até novas ordens, á disposição do Cel. 1º G. B. C., em seu P. C., ás 5 (cinco) horas de 1 (um) de Agosto.

2º) Um Esq. e uma Sec. Mtr., á disposição do Cmt. do 1º R. I., com a missão de cobrir a esquerda do Dest.

B — O grosso do R. C. D. tem por missão:

1º) Vigiar as estradas vindas de O. e que contornam ao S. e ao N. a Serra do Quitungo.

2º) Oppor-se a quaisquer incursões da Cav. inimiga, na região compreendida pelo M° do Retiro (excl.) e o M° do Capim Melado.

3º) Enviar reconhecimentos pelo S. da Serra do Mendanha, quer na direcção de Paciencia, quer na de Faz. Cabral (3 kms. N. E. de Santa Cruz) com a missão de informar sobre os movimentos do grosso inimigo.

4º) Ser mantido ulteriormente, em reserva do Dest., na região O. de Anchieta e E. do M° do Bananal e com vigilância na região da Col. Cabral.

4º Engenharia

A — A Cia. Sap. Min. será empregada na construção de observatórios, recuperação de material e reparação de caminhos (vêr item VIII e 2ª parte).

B — O Cmt. da Cia. deverá participar ao Cmt. do Dest., até meio dia de 1 (um) de Agosto, a repartição do seu pessoal e os pedidos de trabalhadores que julgue necessários.

VI — PLANO DE FOGO

1º Infantaria.

A — Barragem principal - vêr calco

Desencadeada a pedido dos Cmts. de quartelão. Signal do seu desencadeamento — foguetes de 5 lagrimas vermelhas.

Barragem de deter - vêr calco

Baragens interiores - vêr calco

B — Ligação pelo fogo

a) Na L. P. R., sobre a cota 60 (N. de Villa Nova), um Pel. do 1º G. B. C., e uma Sec. Mtr. do 1º R. I. com a missão de bater a região das palmeiras da cota 40 das Palmeiras.

b) Na L. D., sobre a cota 50 (N. E. de Monte Alegre), um Pel. do 1º R. I., e uma Sec. Mtr. do 1º G. B. C. com a missão de flanquear o massiço de Monte Alegre.

C — Cobertura do flanco

O Cmt. do 1º G. B. C. deverá dispôr de meios de fogos escalonados frente a N. O., na linha Col. Macegal-cota 30.

D — Fogos longinquos

a) Sub-sector do 1º G. B. C. — nos corredores de Col. do Trem-Capão Redondo e de Capão Redondo-Col. da Torre, e na região alagadiça a N. E. da cota 32.

b) Sub-sector do 1º R. I. — nas orlas N. de Realengo e vertentes N. do Mº dos Affonsos.

2º Artilharia

A — Os fogos de deter serão regulados após entendimentos entre os Cmts. de Sub-sectores e os Cmts. de Ag. de Ap. directo.

B — Devem ser preparados e desencadeados á ordem do Cmt. da A. os seguintes fogos longinquos:

- inquietação, nas estradas ao N. e S. de Retiro e a N. O. de Bangú

- cegar, nos encostos E. de Lameirão e Retiro

- contra objectivos inopinados — nas entradas dos desfiladeiros (N. de Bangú)

D — Devem ser preparados fogos de contra-preparação em cota 30 a 2 kms. O. de Capão Redondo, na região da estrada O. da cota 60 (S. O. da Col. da Torre), cota 60 a O. do Mº S. Bento, vertentes O. de S. Bento, vertentes S. da cota 50 (E. de S. Bento), saídas N. E. e E. de Bangú e vertentes N. E. de Murundú, todos desencadeados á ordem do Cmt. da A.

VII — OBSERVAÇÃO - LIGAÇÃO - TRANSMISSÕES.

A — P. O. do Dest. — Monte Alegre e outro no Mº do Engº Novo.

— Um oficial, 4 sargentos e oito praças do 1º R. C. D. deverão assegurar o funcionamento dos P. O. do Dest.

— Serviço a começar a 1 (um) de Agosto.

B — P. C. do Cmt. do Dest. - Anchieta, eventualmente em Guaraciaba

P. C. do Cmt. do 1º G. B. C. - Vertente E. do Mº Periquito

P. C. do Cmt. do 1º R. I. - Posto Veterinario

P. C. do Cmt do 1º R. C. D. - Junto ao P. C. do Dest.

P. C. do Cmt III|1º R. I. — Junto ao P. C. do Dest.

C — O Cmt. do Dest. de Trans. (*) estabelecerá as ligações telephonicas do P. C. do Dest.

para o 1º R. I., 1º G. B. C. e para os P. O. de Monte Alegre e Mº do Engº Novo.

— Eixo de transmissão do Dest.: Anchieta-Dendê-Guaraciaba-Monte Alegre.

— C. I. A. em Guaraciaba

VIII — ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

A — As unidades organizarão o terreno, nos seus sub-sectores, com o proprio pessoal e receberão um reforço em material (vêr 2ª parte).

B — Os pontos de apoio dos P. A. deverão ser cercados com defesas accessórias.

C — A linha de retrahimento Mº Engenho-Boa Vista, frente a N. O. (vêr calco) será organizada pelo III|1º R. I.

D — A Cia. Sap. Min. organizará os dois observatórios do Dest., em Monte Alegre e Mº Engº Novo, e assegurará a reparação e conservação dos caminhos na seguinte ordem de urgencia:

1º Anchieta — Mº do Jovino-Mº Dendê-Guaraciaba

2º Anchieta-Mº do Carrapato-Periquito

3º Periquito-Guaraciaba-Posto Veterinario-Paiol Pequeno

4º Ricardo Albuquerque-Dendê-Paiol Pequeno

E — Todos os trabalhos deverão estar terminados na manhã de 7 (sete) de Agosto.

IX — SUBSTITUIÇÃO

A substituição das unidades da Vg., na linha de P. A., será ordenada oportunamente.

2ª PARTE

I — REABASTECIMENTO

A — Distribuição em Est. Anchieta: 1º R. I., ás 7 (sete) horas; 1º G. B. C., ás 7 (sete) e 30 (trinta) minutos; os outros elementos ás 8 (oito) horas.

B — Estacionamento dos T. E., do 1º G. B. C. e 1º R. I. em Ricardo de Albuquerque; dos T. E. do 1º G. B. C. e 1º R. I., T. E. e T. E. do 1º R. C. D. e T. E. da A., em Anchieta.

C — Os Cmts. de sub-sectores deverão fazer provisão de dois dias de víveres em cada nucleo dos P. A., para utilização no caso de serem contornados.

II — REMUNICIAÇÃO

1º Infantaria

A — O 1º G. B. C. e o 1º R. I. se remuniciarão, na Est. Ricardo Albuquerque, a partir das 19 (dezenove) horas do dia 1 (um) de Agosto.

B — Os Cmts. de Sub-sectores deverão constituir, em cada nucleo dos P. A., depósitos de munição para uma resistência de dois dias, para o caso de serem cercados.

2º Cavallaria

O 1º R. C. D. se remuniciará na Est. de Ricardo de Albuquerque a partir das 19 (dezenove) horas do dia 1 (um) de Agosto.

3º Artilharia

A — A partir das 3 (tres) horas do dia 1 (um) de Agosto, estarão á disposição do Cmt. da A. do Dest., nas Ests. de Anchieta e Ricardo de Albuquerque, dois dias de fogo e, a partir do dia 2 (dois), mais um dia de fogo.

*) Elementos de transmissão postos á disposição do Cmt. do Dest. pela D. I.

B — O Cmt. da A. do Dest. disporá de 20 (vinte) viaturas de requisição e 30 (trinta) trabalhadores civis, na Est. de Anchieta, e de 10 (dez) viaturas e 15 (quinze) trabalhadores civis, em Ricardo de Albuquerque.

III — SERVIÇO DE SAUDE (*)

A — P. S. do Dest., na ultima casa a S. O. de Ricardo de Albuquerque.

B — Evacuações para Anchieta.

IV — DEPOSITOS DE MATERIAL

O Cmt. da Cia. Sap. Min. deverá recuperar todo o material util á organização de terreno e existente na zona do Dest., constituindo dois depositos: um a E. de Periquito, a disposição do 1º G. B. C., e outro ao N. do Morro do Jacques, á disposição do 1º R. I., devendo regular a dotação para cada unidade.

V — MOVIMENTO DE VIATURAS

Nenhuma viatura deverá ultrapassar, durante o dia, a linha Periquito-Faz. Engº Novo-Monte Alegre-Villa Militar.

(a) Gen. X ...
Cmt. Dest.

Destinatarios:

1º G. B. C.

1º R. I.

1º R. C. D.

1º R. A. M.

Cia. Sap. Min.

* * *

ACÇÃO DO CMT. DO 1º G. B. C.

O Gen. Cmt. do Dest. não dispõe de possibilidade para fazer um reconhecimento detalhado de seu sector. Pode, apenas, dirigir-se aos dois principaes observatorios — Periquito e Monte Alegre —, onde, após uma vista de conjunto do terreno, deverá fixar suas decisões. Assim, suas ordens são dirigidas, em suas generalidades, de acordo com a carta.

Os Cels. Cmts. do G. B. C. e R. I., ao contrario, pôdem fazer reconhecimentos mais detalhados de seus respectivos sub-sectores. Ademais, elles são orientados pelas ordens do Cmt. do Dest. quanto ás linhas do terreno que devem ocupar as suas unidades e ás zonas para onde devem convergir seus fogos. Donde, suas ordens podem ser dadas de acordo com o terreno.

Para o estudo em questão, tomemos a situação particular do 1º G. B. C. e sigamos o respectivo commandante em seus reconhecimentos.

DISCUSSÃO

I — Barragem principal — Ao N. não ha dificuldade: a linha principal de resistencia passa nas orlas do Campo de Gericinó e, em sua frente, o terreno é relativamente plano e desembaraçado. É quasi certo que os F. M. possam ser empregados em uma profundidade que varia de 600 ms. á 1.000 ms. e mesmo mais. Donde, boa barragem frontal; mas, os flanqueamentos serão difficeis de estabelecer com os F. M., visto que a posição é quasi rectilínea. E, assim, torna-se necessário appellar para as Mtrs., para a realização destes flanqueamentos.

Por outro lado, o Cmt. do Dest. prescreve, em sua ordem: "uma protecção do flanco N. do

Dest., pelo fogo e, ainda, fogos á distancia entre a Col. do Trem e Capão Redondo". Ora, Mtrs. installadas nas alturas entre Macegal e Bananal poderão fornecer estes fogos.

A frente, nessa região, é bastante longa (cerca de 1.800 ms.); donde, a necessidade de um numero consideravel de F. M. em 1º escalão, Pels. em apoio, para se opporem á progressão do inimigo no terreno arborizado, cortado e alagadiço e, mais, um escalonamento de fogos á direita.

Conclusão — No quarteirão N., é preciso empregar um B. C. dispondo de todos os seus recursos, para manter sua grande frente, cobrir o flanco direito do Dest. e fornecer seus P. A. Este B. C. não poderá, naturalmente, fornecer recursos para a manutenção da linha de deter.

Quarteirão S. — O quarteirão S. comprehende dois compartimentos de terreno: um ao N. da linha Faz. Engº Novo-Cota 30; o outro, ao S., entre esta linha e a Cota 60. Estes são limitados em profundidade pelas alturas da Faz. Engº Novo e a Cota 25 (400 ms. ao N.). Cada um destes compartimentos poderá ser mantido por uma Cia.; a barragem principal será difícil de localizar, mas o terreno permitte o flanqueamento com os F. M.

A ligação pelo fogo, entre os dois quarteirões, poderá ser obtida por uma Mtr. localizada nas vertentes O. da cota 30 (O. de Periquito), que provavelmente poderá atirar na direcção geral de Serraria antiga - vertentes de Col. da Torre e deverá fornecer, nesta zona, os fogos á distancia ordenados pelo Gen. Cmt. do Dest.

A ligação pelo fogo com o 1º R. I. será obtida por Mtrs. localizadas nas alturas: Cota 60 (N. de Villa Nova) e Cota 50 (500 ms. N. O. Monte Alegre).

II — Linha de deter — No quarteirão N., a linha de deter acha-se á cerca de 1.200 ms. da linha principal de resistencia; não dispõe de grande campo de tiro; é localizada em contra vertente, podendo constituir uma barragem de fogo pouco profunda, mas que poderá dispor de grande valor, si fôr cuidadosamente disfarçada e protegida com defesas accessórias. Uma tal linha tornar-se-á difficilmente identificada pela A. inimiga, porque se perde na matta e não oferece nenhum ponto de referencia. O ataque inimigo poderá vir ahi se chocar sem ter o menor indicio de sua existencia, desde que certas precauções sejam preventivamente tomadas.

O B. C. em 1º escalão no quarteirão N. não dispõe de recursos para mantel-a e muito menos construi-la; donde, deverá ser mantida e organizada por um outro B. C. em 2º escalão.

Quarteirão S. — No quarteirão S., a linha de deter acha-se á distancia de cerca de 700 a 1.000 ms. da linha principal de resistencia; apoia-se nas alturas E. da Faz. Engº Novo e dispõe de excellentes vistas para as retaguardas dos compartimentos de terreno, mantidos pelas Cias. em 1º escalão. Por sua vez, divide-se em duas zonas distintas: uma ao N., entre Periquito e a Cota 60 (gema do N.) e outra, ao S., a cavalleiro sobre a via-ferrea de 0,60; cada uma destas zonas pôde ser mantida por uma Cia.

No que concerne ao emprego de Mtrs. é preciso:

(*) O Cmt. D. I. forneceu meios ao Dest.

- assegurar o flanqueamento do Dest., ao N., fornecendo fogos em direcção á Col. do Cabral.
- flanquear a linha de deter no quarteirão N., localizando uma Mtr. na vertente N. O. de Periquito.
- enfilar o corredor N. da Faz. Engº Novo, localizando uma Mtr. na vertente S. O. de Periquito
- finalmente, bater o corredor entre Faz. Engº Novo e a Cota 60 (N. de Villa Nova), com uma Mtr. nas alturas de Cota 50 (S. da Viamareira) que igualmente assegurará a ligação pelo fogo com o 1º R. I., batendo as vertentes O. do massiço de Monte Alegre.

III — P. A. — O Cmt. do Dest. não quer uma linha de P. A. continua; ademais, o terreno não se presta para tal. Torna-se suficiente dispor, na frente da posição principal, de núclos de fogos bem organizados, cercados se possível de defesas accessórias, e encarregados de deter o inimigo, deslocar seus ataques e forçá-lo a se lançar em corredores batidos pelos fogos á distancia da posição de resistencia e pelos fogos da A. Estes pontos do terreno são: Col. do Trem, Capão Redondo, Col. da Torre e, finalmente, a Cota 40 (Mangueira), que podem, por um lado, retardar um ataque vindo de S. Bento e, por outro lado, tomar sob fogos bastante efficazes um inimigo que, após a posse da Col. da Torre, procure dahi desembocar.

Cada um destes pontos de apoio poderá ser mantido por cerca de um Pel.

IV — Reserva — Finalmente, torna-se necessário que o Cmt. do 1º G. B. C. constitua uma reserva; é, para elle, o unico meio de intervir no combate, quer reforçando a ocupação da linha de deter, quer ainda, constituindo uma baragem interior ou, por ultimo, contra-atacando.

Para isso, necessita no minimo de uma Cia., e se possível, maior effectivo.

V — Dispositivo geral — Das reflexões, o Cmt. do 1º G. B. C. tira suas conclusões no que concerne ao dispositivo geral de suas unidades. Estas conclusões são as seguintes:

Quarteirão N. — Um B. C. completo na linha principal de resistencia, fornecendo seus P. A.

Quarteirão S. — Um B. C. completo, com a missão de manter a linha principal de resistencia, a linha de deter e fornecendo seus P. A.

O B. C. restante — 2 Cias. empregadas na linha de deter (quarteirão N.) e o restante (2 Cias.), em reserva, á sua disposição.

VI — Fogos de Artilharia — Assim, tendo determinado seu dispositivo geral e o emprego provável dos fogos de suas armas automaticas, resta ao Cel. Cmt. do G. B. C. reforçar seus fogos de I. com os recursos em fogos que lhes pode fornecer a A.

Para isso, pode utilizar o auxilio de dois G. A. M. em apoio directo a seu G. B. C.

Afim de não complicar o problema e facilitar a ligação, vai utilizar o auxilio de um G. A. M. em apoio de cada B. C., solicitando o auxilio dos seguintes fogos:

a) Tiros de deter, na frente dos P. A. — Escolhe os pontos do terreno mal batidos pelos F. M. dos P. A. e, ao mesmo tempo, os pontos on-

de o inimigo poderá localizar seus observatorios e suas armas automaticas; estes serão: região da Col. do Heron, Col. do Cemiterio (Tiro nº 1) - crla 500 ms. O. de Capão Redondo (tiro nº 2) - vertente E. da Cota 60 (600 ms. S. O. da Col. da Torre), (tiro nº 3) - bifurcação E. dc Mº de S. Bento (Tiro nº 4).

b) Tiros de deter entre nucleos dos P. A. — No corredor, entre os nucleos de fogos dos P. A., a saber: sahidas S. E. de Col. de Barreira (tiro nº 5) - sahidas N. E. da Col. do Capão Redondo, mal batido pelas Mtrs. (tiro nº 6) - sahidas N. de Col. da Torre, zona de ligação de fogos dos dois B. C. (Tiro nº 7) - zona entre Col. da Torre e Cota 40 (Mangueira) que, embora batida efficazmente pelos fogos do Pel. da Cota 40, offerece numerosas passagens (tiro nº 8).

c) Tiros de deter, na frente da linha principal de resistencia — Estes pedidos não podem ser numerosos, porque, ao inverso dos precedentes, que podem ser desencadeados successivamente a razão de dois por G. A. M., os tiros na frente da posição principal devem ser desencadeados simultaneamente pelos dois G. A. M., no caso de ataque em toda a frente. Portanto, não poderá no momento exigir mais do que dois tiros sobre seus flancos:

- uma concentração na frente da Col. do Manguegal (tiro nº 9)

- uma concentração na Cota 40 (Palmeiras) N. de Villa Nova (tiro nº 10)

Restará ainda prever os tiros no interior da posição e na frente da linha de deter. Mas isso, o Cmt. do 1º G. B. C. não poderá fazer si não mais tarde, após entendimentos com os Cmts de B. C. e Cmt. de G. A. M. em apoio directo (por intermedio do Cmt do Ag.).

Ainda mais, torna-se necessário prever a co-operação da A. em acção de conjunto, particularmente em seu flanco direito, na região Faz do Cabral - Arroio Cachoeira e no Mº S. Bento, que facilita a observação inimiga, e superposição aos tiros de apoio directo, segundo as circunstancias.

Finalmente, torna-se necessário regular, como e quando estes tiros deverão ser desencadeados.

VII — Preceitos gerais — Em sua ordem, o Cmt. do 1º G. B. C. deverá ainda fixar diferentes preceitos, taes como: P. C., ligações, transmissões, organização do terreno, P. S., localização dos T. C., reabastecimentos, etc.

VIII — Informações complementares — Entre o recebimento da ordem do Gen. Cmt.º Dest. e a expedição da sua ordem de instalação defensiva, o Cel. Cmt. do 1º G. B. C. recebeu informação de que a Vg. repeliu a Cav. inimiga na direcção Bangú-Mº do Retiro e se apossou da linha Col. da Barreira-Col. do Trem-Capão Redondo-Massiço da Col. da Torre-Cota 40 (O. de Villa Nova) - sahidas S. O. de Realengo, onde se mantem em P. A., e tambem a ordem para substituir o 12º B. C. por novos elementos na noite de um para dois de Agosto.

O Cel. Cmt. do 1º G. B. C., terminado o seu reconhecimento e tendo tomado as suas consequentes decisões, expede aos Cmts. de B. C. a seguinte ordem de operações:

Dest. ... P. C. na bifurcação E. do M° do 1º G. B. C. Periquito, 31 (trinta e um) de Julho, ás 20 (vinte) horas.

*Ordem de operações
(Instalação defensiva)*

1ª PARTE

I — SITUAÇÃO GERAL

A — O inimigo se retira na direcção geral de Campo Grande-Santa Cruz e a sua Cav. mantém a posse das saídas dos desfiladeiros a O. de Bangú.

B — A Vg. do Dest. se mantém em P. A. na linha geral Col. da Barreira-Col. do Trem-Capão Redondo-Massiço da Col. da Torre-Cota 40 (O. de Villa Nova) - saídas S. O. de Realengo.

II — MISSÕES

A — O Dest. vai organizar-se defensivamente afim de se opor a quaisquer retornos offensivos do inimigo e assegurar o desembocar do grosso em direcção a S. O.

B — O G. B. C. recebeu a missão de assegurar a defesa da frente Col. Macegal-Cota 60 (N. de Villa Nova), detendo o inimigo na frente desta linha ou, no mínimo, lhe interdictando a penetração na zona além da linha Faz. Engº Novo-Periquito-Cabral.

C — O G. B. C. será enquadrado ao S. pelo 1º R. I. e por elementos do 1º R. C. D. ao N.

III — IDÉA DE MANOERA

E' minha intenção deter o inimigo no Campo de Instrução e na região baixa ao S. de Serraria antiga. No caso de ser forçada a parte N. desta linha, manter, a todo o custo, o inimigo na baixada frente à Col. Cabral-Cota 30 (a O. de Faz. Bananal)-M° do Periquito-Faz Engº Novo, e da mesma maneira conservar a frente Faz. Engº Novo-Cota 50 (N. O. de Monte Alegre) no caso do inimigo se apossar das alturas ao N. de Villa Nova.

IV — POSIÇÕES

1º) Posição de resistência

L. P. R. — Orlas N. E. do Campo de Gericinó-Cota 30 (O. de Faz. Engº Novo)-Cota 60 S. Bento para Villa Nova (vêr calco).

L. D. — Cota 30 (O. da Faz. Bananal)-M° do Periquito-Cotas 60 gêmeas-Cota 50 (N. O. de Monte Alegre)-(vêr calco).

2º) Posição de postos avançados

L. V. — (de dia) — Col. do Heron-Col. do Cemiterio-margem E. do Sapucahy-estrada de S. Bento para Villa Nova - vêr calco.

L. V. — (á noite) — estrada que vem da Col. do Heron e contorna a O. a Col. da Torre-N. S. Bento para Villa Nova — (vêr calco).

L. R. — Col. do Trem — Capão Redondo — Col. da Torre — cota 40 da Mangueira — (vêr calco).

3º) Limites de Sub-sector.

Ao N. — Col. da Barreira — Col. do Macegal — Faz. Bananal — (vêr calco).

Ao S. — Cota 30 (S. da cota 40 da Mangueira) — cota 60 (N. de Villa Nova) — cota 50 (N. O. de Monte Alegre) — vêr calco.

V — REPARTIÇÃO E MISSÕES

1º) Posição de Resistência.

A — Haverá dois quarteirões separados pela linha (inclusive para o quarteirão S.) Col. da Torre-Serraria antiga — Morro do Periquito (encostas S) — (vêr calco).

B — O 11º B. C. tem por missão, no quarteirão N., de se organizar na L. P. R., esforçar-se para deter o inimigo no Campo de Gericinó e ter, na barragem principal, fogos mais potentes á frente das descidas da Col. da Torre e Capão Redondo.

C — O 10º B. C. tem por missão, no quarteirão S., defender a P. R. em toda a profundidade, interdictando ao inimigo, no mínimo, a posse da linha Faz. Engº Novo-Cota 60 gêmea do S.-Cota 50 (N. O. de Monte Alegre).

D — Duas Cias. I. e a Cia. Mtrs. Mx. do 12º B. C., sob o cmd. do Ten. Cel., se encarregão da defesa, no quarteirão N., da L. D., tendo, na barreira interior, fogos mais potentes no corredor N. de Faz. Engº Novo.

E — Duas Cias. I. do 12º B. C., sob o cmd. do Maj. Fiscal, ficarão em reserva do G. B. C., na macega a S. E. do M° do Engº Novo.

2º) Postos avançados

A — A L. R. será constituída por pontos de apoio isolados, tendo cada um o efectivo de cerca de um Pel., e tem a missão de se oppor a quaisquer avanços inimigos, deslocar seu ataque e manter a sua propria resistencia caso sejam contornados os seus nucleos de fogos, só se retrahindo á minha ordem e por itinerarios a serem regulados pelos Cmts de quarteirão.

B — O 11º B. C. fornecerá elementos para os pontos de apoio de Col. do Trem e Capão Redondo, e o 10º B. C. para os de Col. da Torre e Cota 40 da Mangueira.

C — Um Pel. do 1º R. C. D. em S. Bento, reforçará, na frente S. Bento-Col. da Torre, a vigilância de dia na direcção do M° do Retiro e N. de Bangú, recolhendo-se, á noite, por Col. da Torre-via-ferrea para Faz. Engº Novo (bitola 0,60)-estrada Faz Engº Novo para Periquito, afim de estacionar no bosque á E. deste morro, e retrahindo-se, em caso de ataque, pelo mesmo itinerario e para se reunir ao grosso do R. C. D..

D — Ligação, na L. V., entre o 11º B. C. e o 1º R. C. D. nas vertentes S. da Col. Cabral; entre o 11º B. C. e o 10º B. C. na bifurcação ao N. da Cancella Preta; entre o 10º B. C. e o 1º R. I. na Cota 40 (700 ms. á O. de Villa Nova, na estrada S. Bento-Villa Nova).

VI — PLANO DE FOGO

1º) Infantaria

A — Barragem principal — vêr calco

- Desencadeamento a pedido dos Cmts. de B. C.

- Signal do seu desencadeamento — foguetes de cinco lagrimas vermelhas.

B — Barragens interiores — vêr calco

C — Ligação pelo fogo (*)

(*) O Cmt. do G. B. C., não tendo, como o do R. I., uma unidade organica de Mtrs., tem que lançar mão de algumas Secs. de Mtrs. dos B. C. para estabelecer as ligações pelo fogo.

Sees.	Posições	Ligaçāo	Missões
Sec. Mtr. L. do 1º R. I.	Cota 60 (N. de Villa Nova)	Entre o 1º R. I. e o G. B. C., na L. P. R.	Bater a região das palmeiras da cota 40 das Palmeiras.
Sec. Mtr. P. do 10º B. C.	Cota 50 (N. O. de Monte Alegre)	Entre o G. B. C. e o 1º R. I., na L. D.	Flanquear as vertentes O. do massiço Monte Alegre.
Sec. Mtr. L. do 10º B. C.	Cota 30 (a O. de Periquito)	Entre o 10º B. C. e o 11º B. C.	Bater a região de Serraria antiga.
Sec. Mtr. P. do 12º B. C.	Mº. do Periquito	Idem	Idem.
Sec. Mtr. L. do 12º B. C.	Cota 30 (a O. da Faz Bananal)	Entre o G. B. C. e o 1º R. C. D.	Bater as vertentes E. da Col. do Cabral.

D — *Fogos longinquos* — O 11º B. C. deverá bater os corredores de Col. do Trem-Capão Redondo e de Capão Redondo — Col. da Torre, e o 10º B. C. a região alagadiça á N. O. da Cota 32.

E — *Cobertura do flanco N.* — O 11º B. C. deverá dispor meios de fogos escalonados frente a N. O., na linha Col. Macegal-Cota 30.

F — O Cmt. do 10º B. C. prepare uma concentração para a Cota 32 e, com o do 11º e 12º B. C., uma outra para a região O. de Serraria.

2º Artilharia

A — Apoio directo ao 11º B. C. - I|1º R. A. M.
Apoião directo ao 10º B. C. - II|2º R. A. M.

B — Fogos na frente dos P. A. (vêr calco) : ns. 1 e 2, desencadeados a pedido dos Cmts. de pontos de apoio de Col. do Trem e Capão Redondo, com foguete de uma lagrima vermelha; n.s. 3 e 4 desencadeados a pedido dos Cmts. dos pontos de apoio de Col. da Torre e Cota 40 da Mangueira, com um foguete de uma lagrima verde.

C — Fogos entre os nucleos dos P. A. (vêr calco) : n.s. 5 e 7 - foguete de tres lagrimas vermelhas; n.s. 6 e 8 - foguete de tres lagrimas verdes. Todos desencadeados a pedido dos Cmts. dos pontos de apoio dos P. A. ou dos Cmts. de Cia. da L. P. R.

D — Fogos de deter na barragem principal (vêr calco) : n.s. 9 e 10, desencadeados com a barragem principal - foguete de cinco lagrimas vermelhas.

E — Os fogos no interior da posição serão regulados em ordem posterior.

VII — OBSERVAÇÃO — LIGAÇÕES — TRANSMISSÕES

A — P. O. do G. B. C. no morro do Periquito.

— Desde que comece o periodo de combate, deverão ser enviados, pelos B. C., dois esboços, um da situação até ás 11 (onze) horas e outro da situação até ás (dezenove) horas.

B — P. C. do Gen. Cmt. do Dest. — Anchieta.

P. C. do Cmt. do G. B. C. — vertentes E. de Mº Periquito.

P. C. do Cmt. do 11º B. C. — bifurcação 951-017 a O. do caminho Periquito-Bananal.

P. C. do Cmt. 10º B. C. — Faz. Engº Novo.

P. C. do Cmt. 12º B. C. — bifurcação a O. de Mº Engº Novo.

P. C. do Maj. 12º B. C. — junto ao do G. B. C.

P. C. do Cmt. 1º R. I. — Posto Veterinario.

P. C. do Cmt. I|1º R. I. — vertentes N. de Monte Alegre.

P. C. do Cmt. 1º R. C. D. — saídas O. de Anchieta.

P. C. do I|1º R. A. M. — vertentes E. do Mº do Engº Novo.

P. C. do II|1º R. A. M. em 620-070 (estrada Guaraciaba-Periquito).

C — 1º) Devem ser installados:

a) Telephone dos P. C. dos B. C. ao P. C. do G. B. C.

b) T. P. S. no P. C. do G. C. B. com o pessoal e material do 12º B. C. para os P. C. do 10º e 11º B. C..

c) Optica entre o P. C. (material e pessoal do 12º B. C.) do G. B. C. e os B. C.

2º) Os esclarecedores montados do 12º B. C. farão a ligação do G. B. C. para o 10º e 11º B. C.

3º) Eixo de transmissão do Dest. — Anchieta-Dendê-Guaraciaba-Monte Alegre.

4º) C. I. A. do Dest. — Guaraciaba.

5º) Código de signaes:

a) Desencadeamento da barragem principal — foguete de cinco lagrimas vermelhas.

b) Desencadeamento dos tiros de A. — vêr 2ª parte do item VI.

c) "A A. atira muito curto" — foguete de cinco lagrimas brancas.

d) "Estamos aqui" — foguete de fumaça amarela.

e) "Partimos, podeis atirar" (especial aos P. A.) — foguete bandeira.

VIII — ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

A — Cada unidade organizará o terreno no seu quarteirão e receberá um reforço em material (vêr 2^a parte).

B — Uma normal, nas vertentes N. da Faz. do Engº Novo (vêr calco), ligando a L. P. R. á L. D., será construída pela reserva do G. B. C.

C — Os pontos de apoio dos P. A. deverão ser cercados de defesas accessórias.

D — Os trabalhos deverão estar terminados: defesas accessórias dos P. A. no dia 3 (tres) de Agosto antes do alvorecer; restantes das organizações dos P. A. na manhã do dia 6 (seis) de Agosto; organização dos C. R. na manhã do dia 7 (sete) de Agosto.

IX — SUBSTITUIÇÃO

A — A substituição do 12º B. C., actualmente em P. A., pelos elementos dos 10º e 11º B. C., deverá ser feita na noite de 1 (um) de Agosto e terminada a 0 (zero) hora do dia 2 (dois).

B — O 12º B. C. se recolherá ás suas novas posições pelas estradas existentes ao N. e ao S. da linha Faz. Engº Novo-Cota 30.

2^a PARTE

I — REABASTECIMENTO

A — Distribuição

1º) Aos T. E., pelo Dest., ás 7 (sete) horas e 30 (trinta) minutos em Est. Anchieta.

2º) Aos T. C. pelos T. E.: aos 10º e 12º B. C., das 20 (vinte) ás 21 (vinte e uma) horas, na bifurcação a N. O. de Invernada; ao 11º B. C., das 21 (vinte e uma) ás 22 (vinte e duas) horas, na bifurcação S. O. do Mº do Jovino.

B — Estacionamento — T. E. em Ricardo Albuquerque e T. E. em Anchieta.

— As cosinhas devem ser localizadas a E. da linha Faz. Bananal-Periquito-Cotas gêmeas.

C — Os Cmts. de quarteirão deverão fazer provisão de dois dias de viveres em cada ponto de apoio dos P. A., para utilização no caso de serem contornados.

II — REMUNICIAMENTO

A — Depósito do G. B. C. (munição e artifícios) na clareira S. E. do P. C. do G. B. C.

B — Os Cmts. de quarteirão deverão constituir, em cada ponto de apoio dos P. A., depósitos de munição que lhes permittam resistir durante dois dias, caso sejam contornados.

III — SERVIÇO DE SAUDE (*)

P. S. do Dest. — ultima casa á S. O. de Ricardo Albuquerque.

IV — T. C.

A — Até novas ordens os T. C. continuam com suas unidades.

(*) O G. B. C. não tendo elementos, as evacuações serão feitas directamente dos P. S. dos B. C. ao do Dest.

— Os T. C. do B. C. e Cias. de reserva e os T. C. de todo o G. B. C. estacionarão nos bosques a O. do Mº do Carrapato e ao S. da estrada Periquito-Anchieta.

C — Nenhuma viatura deverá ultrapassar, durante o dia, a linha Periquito-Faz. Engº Novo-Monte Alegre.

V — DEPOSITO DE MATERIAL

A — Depósito do G. B. C. (material de organização) na região E. de Periquito á disposição dos B. C. a partir das 6 (seis) horas do dia 2 (dois) de Agosto.

B — A dotação do material a distribuir será regulada oportunamente.

(a) Cel. X.

Cmt. do 1º G. B. C.

Destinatários:

- Gen. Cmt. do Dest.
- 10, 11º e 12º B. C.
- 1º R. I.
- 1º R. C. D.
- Ags. de apoio directo.

(Continúa)

O Exercito e Nação

O Exercito é cego e mudo...

Certamente, o Exercito é uma grande causa que soffre! Sabemol-o bem, os velhos officiaes, e auguramos que os nossos jovens successores não encontrem os mesmos sentimentos que conhecemos. Comtudo, é provavel que tereis também de soffrer, porque se a Nação, illudida pelos derrotistas do interior e que são maiores inimigos que os do exterior, esquecer algum dia que os nossos a salvaram, continuareis a saíra-a pelo trabalho quotidiano, pelos sacrifícios obscuros que dia a dia lhe consagraes; se a Nação vos lançar injustamente um anathema, então soffrereis graves torturas moraes.

Se a servis como é necessário que se a sirva e se vos collocaes no logar que deveis ocupar na Nação, esta estará comvosco, deixará os maus conselheiros e voltar-se-á para vós "porque a Patria engrandece e santifica não só as acções brilhantes realizadas em seu beneficio como o obscuro e ingrato labôr que produzirá no futuro aquellas acções brilhantes.

Gen. Tanant.

"Escrevendo a historia da guerra, mostrais que o Estado Maior é o sistema nervoso desse grande corpo. E' elle que transmite ao cerebro — o Commando — todas as impressões exteriores e é elle que põe os membros do corpo em execução.

Determina a vontade e permite que esta se realize; por isso constitue o laço essencial entre a intelligencia e a força muscular".

Gen. Mangin.